

Tratado da Pedra

Gledson Sousa

Sumário

Livro 1
Livro 2
Livro 3
Livro 4

Livro I

I

Diria que nossa pedra é a raiz sem gelo do âmbar. Como um sal vertical que se acumula pela purificação e ascensão da bondade.

II

Tem o mesmo sumo das flores estivais, a mesma secreção sobre a qual se pode erguer uma casa. Lenta, cresce qual o anel das árvores, a seiva mineral secreta bailando entre o canal de cobre e cristal.

Sem nome, quais os rostos das crianças, bela feita a asa vermelha da fênix cruzando a manhã, essas pombas no altar de Vênus, os peitos da deusa na ansiedade do fruto em gestação.

Mil noites tivesse não acabaria de dizer seus nomes, mas é ela, a pedra, sobre ela os fundamentos do mundo, sobre ela as intenções, os desejos de porvir, sobre ela o orvalho que escorre das flores em compasso ternário, triângulo de respostas.

III

Alguma vez, nos muros de pedra-pomes de uma cidade antiga, gravei palavras a essas similares, tão longe no tempo que o espaço entre as memórias assemelha-se a uma pausa numa sinfonia de milênios.

Outros rostos e a areia se ressentia de sal, de nossos passos não restavam vestígios; porque o fiz? Por que a escrita de fora emulava a de dentro: gravando nas pedras o segredo da pedra, fixava em meus ouvidos o martelo da verdade, que nascimento algum poderia acabar. Porque pedras-pomes são os ossos do mar, dos vulcões e neles circula o sangue da pedra, esperando o vento redentor.

IV

Chamarei as testemunhas, que bebem diariamente do fogo líquido que anima a pedra. Elas dirão que esse é o fogo selvagem que precisa ser purgado de sua bílis até ganhar o vibrato de uma trompa de caça. A testemunha da direita diz doces são os mistérios da carne e a da esquerda lembra que a haste fincada no triângulo conecta a terra ao céu e que anjos se formam quando a haste avança sobre o fogo e o triângulo se inunda de orvalho: a pedra molhada, o broto do pão.

V

Preciso de palavras para a fornalha? O testemunho da verdade acelera o rio: a água polida, os seixos-letras amplificam o eco; no moinho das coisas a água se acelera em fogo, o dúplice testemunho reverbera o dito: nossa pedra é antiga e sempre nova – à porta de Ishtar um casal arrulha na pedra cúbica.

VI

Cada nome é passagem, cada imagem, mosaico. O que se diz pedra é a soma de muitas subtrações. Bruta, beira o rés do chão; lavrada, escoa a voz em eco de dimensão em dimensão. Pulsar que a escritura captura. O grafite de sêmen nunca poderá ser apagado.

Outros pedem nomes com registros e identidade, como se os nomes portassem sendas de ruas claras, chamam de obscura a fala que não se abala pela claridade. Bem sei que os caminhos por onde as palavras escorrem rebeldes são as vias onde a vida se procria, onde a pedra fecunda a pedra, onde o musgo aninha o pássaro, onde o orvalho desce da teia para os olhos das estátuas: nomes são passagens do cheio para o infinito, o caminho é a selva de sargaços onde as palavras se emaranham: água ventre novelo.

Os que conhecem da pedra saberão seu rosto de plasma, sua alma de flecha, seus olhos de falcão e não será minha boca a portadora de fórmulas: estou entre os inocentes e à morte prefiro a deduzir a raiz cúbica de PI de um m³ da pedra. Seu peso é de água e ar, seu peso é de ar e ar, seu peso é de ar e fagulha – lança no labirinto.

VII

Os homens dessa época negra só reconhecem aquilo que se submete aos seus caprichos, à ânsia devoradora de tudo submeter ao controle de uma ganância sem tamanho: querem uma natureza dócil, submissa à violência, complacente com a falta de sentidos e propósitos que tomou conta do humano; cometem o absurdo de imaginarem uma natureza totalmente subjugada pela violência de explosivos e metais como sendo um ideal a ser alcançado – a natureza desfeita pela fúria da mecânica.

Não sabem que os dias de fúria que virão são o fruto da falta de amor. A ignorância eloquente dos senhores desconhece a simplicidade do amor: o amor sustenta os elementos, organiza o tempo, estabelece as convenções dos astros e o desejo do futuro.

Por isso não reconhecem a pedra ou mesmo a renegam, porque desconhecem o que não seja artifício, pirotecnia, vagido da aparência; nossa pedra é simples, às vezes somente gota de sal num oceano de miasmas. Mas o universo é perpétua espiral, enlace de espirais onde coisas e seres se alternam no tempo-espaço: a gota é universo para plânctons e outros, o Everest é mera pedra, há rios nos corpos, corpos nos rios, do arco-íris ao olho há puro diálogo entre pares.

Nossa pedra é simples, magna. Quando fecundada se multiplica em pedras, quando guardada, se liquefaz em fogo, de fogo em ave, de ave em anjo. À noite, clama pelo sol da galáxia, de dia aspira o perfume das flores da luz; mistura o sutil ao denso, coagula o tempo para extrair dele os sinais de sua libertação; enquanto faz-se pedra e engendra novas vestes para as núpcias da liberdade, tecidos de musgo, pele de serpente – na aurora brilha a pedra-sol.

VIII

Estive a ver o fastio como um vestígio dos dias presentes; as gentes se cansam de tantas letras, do deus morto e do nonsense que a vida tornou-se na sua infatigável rotina; querem sair para algum lugar, mas nada lhes apetece, porque nada faz sentido: seus olhos estão fechados para tudo que não seja dinheiro ou não se venda, pensam que podem comprar os sentidos das coisas com drogas baratas, com a sordidez dos pequenos vermes. O sentido das coisas está nas próprias coisas. Palavras são fulgurações do real, elas não o falsificam, são a luz que dele emana, refletida num mosaico de espelhos. As palavras dizem do sentido sua chave possível. O tempo passa e as chaves aumentam, o real cresce e com ele as possibilidades de sentido. Damos novos nomes às coisas novas, renomeamos as antigas tentando estender a mão para a verdade. O vulgo só quer imitar o movimento das máquinas, nada veem do muito que paira ao redor, nem os cabelos das nuvens nem as espirais nem a língua dos beija-flores.

Grande coisa é perder o medo de sonhar, deixar-se levar pelo jogo cósmico, aventurar-se pelas ruas, tomar de assalto nossa própria cidadela: forjamos nossas prisões e as religiões aumentam seus muros.

Somos parentes de pássaros, amigos das serpentes, não precisamos de túmulos nem de igrejas, não precisamos de corpos trucidados nem do apego à dor, o que precisamos é de espaço – para abrir as asas, correr, para testemunharmos que a curvatura do tempo-espaço é a mesma do útero, para gritarmos como as aves e baleias quando incontidas pela felicidade.

Tudo é vasto e infinito, dos dedos às galáxias há fios que reúnem o homem às estrelas. Um dia seremos chamados para um grande banquete, quando a pedra nos houver convertido em faunos-poetas, com pernas de bode e a sabedoria de quem já foi fera, sentados à mesma mesa onde os deuses apreciam o vapor das lembranças, onde estrelas acendem suas chamas, onde a escuridão decide seu silêncio. Seremos cúmplices de grandes auroras.

Pois a pedra não nos deixa só.

IX

As pessoas arrancavam pedras para barricadas, movidas pelo desejo incandescente de transformar a vida em aurora. Queriam a redenção de fora por um desejo de dentro – essa ânsia de que nada nos detenha, esse anseio por lugares sem muros ou fronteiras – é o pulsar da própria pedra a instigar os seres.

Acontece que as pessoas são velhos morcegos – preferem a escuridão das cavernas à incerteza da liberdade e procuram fora o que clama dentro. Às vezes o que clama é a

natureza naturada e fabricamos corpos buscando a união pela continuidade; outras é a natureza naturante e aí o que queremos é a natureza dentro de nós – a potência dos rios, a grandeza dos ventos, a antiguidade das rochas, a paciência do fogo, tudo num grande carnaval. A ordem vem assim, com mulheres de pernas nuas carregando estandartes, a beleza dos ventos, a beleza dos nomes, a beleza dos seios.

X

O *quid* das coisas é um *quid* vital, mesmo o das palavras. As coisas não precisam de justificativas para existir, o próprio existir é a razão; expansão e continuidade são a tônica da pedra. Para alguns, o mais longe é o caminho desejado, e quando ele o percorre encontra pistas e sinais de sua existência em lugares onde nunca passou – procurando o longínquo emula a natureza mais profunda, a profusão de aves, libélulas e baleias desconhecem o que quer que seja fronteira – e encontrando-a, vê a si mesmo. Para outros, só o próximo é reconhecível, o que vem com os ventos é estranho, temem a abundância e se guardam criando pequenos caminhos que possam repetir sem cessar.

Em ambos a razão vem de fora: a razão é a partida, a expansão, a conexão entre novas formas de vida e novos seres, a razão está em descortinar horizontes ou então em confinar a esperança – para que não se perca em tempos sombrios.

O *quid* das coisas é a pedra, seja numa estrela de nêutrons ou num planeta d'água. A pedra é escorregadia, cheia de pernas e caudas, ela é moto-perpétuo.

XI

Não acredito no progresso, não acredito nos tabeliães, não acredito no destino manifesto nem nas doutrinas de salvação; não acredito no inferno, não acredito na ausência da dor, não acredito em deuses ou ideias fixas; não acredito na métrica ou na retórica. Não acredito em qualquer silêncio maior que zero; não acredito no homem sem a palavra, não acredito em ascensões mecânicas nem em músicas mecânicas nem amores mecânicos, nem em sexo e afetos mecânicos, não acredito na humanidade das máquinas, não acredito no silêncio das máquinas. Não acredito numa terra sem chuvas, não acredito em nomes com muralhas, não acredito em trevas eternas.

Só acredito na pedra, a pedra úmida, o orvalho encharcando o mineral, o bater das asas das libélulas cruzando a tarde da África.

XII

O jaguar saiu do mar imaculado; trazia em suas patas de jaspe a estrela roubada,

dentro da estrela o Abraxas; num segundo o jaguar rasgou a estrela e atacou o Abraxas, abrindo-lhe o peito, espalhando plumas – do sangue do Abraxas se formou a América, de seus olhos os cometas, de suas serpentes a África, de suas penas as asas dos poetas, de sua língua a confusão entre os éons e o tempo.

Então o jaguar escondeu-se nas florestas da América, começara, fora sua a tarefa mais dura, libertar o Abraxas. Guardou o ar que o galo expulsara nos estertores e as canções bífidas das serpentes, para quando o mundo se cansasse de si e precisasse de novas canções e um ar de fecundar primaveras.

Por último, espalhou os ossos dos Abraxas em partes infinitas e depositou em cada pedra – sólida ou líquida, deixando aí o sinal da ave e da serpente – anseios que se cruzam formando o ∞

XIII

Não quero fazer um exórdio. As pessoas não querem saber o que lhes falta, como também não querem caminhos – querem apenas continuar onde estão – mãos amarradas, olhos fechados, boca cheia de parafusos.

Queremos louvar a pedra e dizer não. É direito daqueles que estão em exílio esperar pelo retorno, ansiar pela restauração da antiga condição. O exilado diz não às marchas, às alegrias forçadas, às bandeiras desfraldadas quando a única coisa que o vento espalha são os nomes dos mortos. Estamos exilados num tempo em que as máquinas têm coração. Ouvi o pulsar infernal, sístole e diástole de óleo e metal, rangido de ondas cardíacas. Não somos desse tempo, somos do não tempo.

Até onde a vista alcança, o deserto domina: nas poesias, nas frases de amor, nos palanques e nos púlpitos, nas repartições, nas músicas. Até que o olhar se cansa, procura adiante ou atrás outros vestígios, mas o deserto começou há muito tempo, o que passa é deserto, o que dura é deserto.

Há areia nos calçados, nos alimentos, nas amizades, nas moedas. Os cursos de água secaram e até as metáforas pedem licença à equação das dunas.

Os que estamos em exílio temos nossa esperança, de que a água brote da pedra e que da água os oásis vomitem novas palavras e que da pedra nunca cesse a promessa: de terminar o tempo.

XIV

O que nos é próprio não é nosso, pois é comum. Posso reclamar como meu um átomo? Posso dizer minha a água que alimenta meus rios, os minerais de minha ebulição?

E o que seria de nós sem tudo o que nos forma? Nada é nosso, nem mesmo a mensagem secreta do que somos. Somos Édipos sem pecado nos olhando a cada dia num novo espelho e cada um nos dá uma resposta. Posso reclamar dos muitos que me habitam? Não, porque sou universo.

A mesma matéria material alimenta de uma caldeira ao motor de um quarteto de cordas. Anima, que o tempo não obstrui porque é impotente contra o fogo. Bios que a palavra não esgarça porque se multiplica. Zoé que não se corrompe porque tem em suas mãos o silêncio e a paciência para explodir.

Diferente como as notas de um violino e os lamentos de um vampiro, nossa pedra assoma suas máscaras.

O que nos é próprio é comunhão.

XV

Nossa arte é a de elevar a pedra à plena consciência de si mesma, roubando-a assim das garras da mecanicidade, resgatando-a de entre os mortos, aqueles de pele verde, olhar sem flama; por isso é uma arte mercurial, de Mercúrio, o Hermes romano, o deus ladrão, o psicopompos que resgata os mortos do Hades.

Mercurial também porque a pedra é mercúrio, pedra líquida leitosa que sempre procura escapar. Nossos maiores representavam a pedra como o Hermes alado a quem um Saturno envelhecido vinha lhe cortar os pés, onde habitam suas asas de Hermes. E quem é esse Saturno senão o ordenamento que fazemos da pedra? Quem é esse Saturno senão o condutor, o princípio antigo que dirige nossa vontade para com todo ardor buscar a liberdade?

As asas das quais Hermes é desprovido nascerão em nós. Quando pela ascensão da pedra nossa natureza alada se revela, assumimos nossa predisposição pela liberdade e pelo espaço. Rompemos os limites impostos pela gravidade mostrando que a densidade é uma atração do aparente, mas o aparente pode ser superado.

Sobretudo, acima de todas as coisas, é preciso não perder nenhum centímetro da pedra, que pelo acolhimento, cresce e nos liberta. As chaves estão na própria natureza, que por ser vasta, esconde-as. Dizem que há na Romênia pedra misteriosa que cresce e se multiplica ao contato com a água. Ora, a natureza também sabe representar, e essa pedra é o símbolo de que a água faz crescer os fundamentos do mundo e de nós mesmos, de que é possível acumular a força da matéria pelo poder fermentativo da água; e o que é a água senão um sêmen universal e o que é o sêmen humano senão nossa água?

Esse prodígio romeno nos mostra que a natureza tem sua linguagem e de que é

possível ao homem restituir a si mesmo a liberdade perdida quando da queda na razão. Na medida em que o tempo passa nos tornamos mais torpes, quanto mais estimulados nossos sentidos se embrutecem: já não somos capazes de enxergar nem o mais evidente, quiçá um dia precisemos de máquinas para nos dizerem o que está à nossa frente, quando na realidade temos em nós as possibilidades do *ulbermensch* nietzscheano. As forças das trevas querem nos confinar sempre no mesmo horizonte, nos mesmos metros quadrados onde transitamos entre o trabalho e a sensorialidade, entre a mecânica e o sem sentido.

XVI

Não basta saber da importância da pedra, é preciso desejá-la, é preciso querê-la, é preciso aspirá-la, é preciso amá-la, com amor simples, com o coração sincero, subir ao leito não somente com a intenção de grandes coisas, mas com a vontade simples de amar sem subtrair o outro, amar para ter o outro ao lado e dentro de si, amar como quem anda à beira de um precipício, como quem pisa no fio de uma navalha, mas também como quem brinca, como se nada fosse sério ou tudo fosse tão sério que o resultado de qualquer brincadeira levasse à morte. Alegres, mas humildes, conseguiremos avivar o fogo, iluminar a *lápis* até que o rubro a destile. Com movimentos lentos e sem hipocrisia é possível segurar as asas de Mercúrio. É como voar num dragão. A mulher é a serpente portadora da flama, é preciso amá-la sem falsidades, só assim a pedra poderá ser cultivada, só assim evitamos perdê-la, a arrogância leva ao desespero; a humildade, a alegria e o coração sincero fazem a pedra crescer no fogo do homem, no coração da mulher e quando o homem a penetra, quando o pênis desliza pela vagina o amor será o portador da luz, então é preciso deixar-se conduzir pelo amor. Nesses dias vazios o sexo virou uma espécie de arena romana. É preciso esquecer da arena e lembrar da infância para assim refinar o sêmen com grande indústria.

XVII

Para aqueles que mantém os homens na escravidão da ignorância, o grande arcano – a prática do ato sexual sem o derrame do sêmen – sempre foi considerado um ato subversivo, pois através dele cada homem e mulher – não importa a classe social – pode ascender a uma condição divina. Dentro do cosmos do nosso corpo, as gônadas sexuais são fabricantes de sóis, através da ação da vontade e do engenho. Direcionada para fora, a energia sexual dá origem a corpos igualmente maravilhosos, mas direcionada para dentro dá origem à nossa liberdade.

Com o fogo escorrendo dos dedos, com os raios em ebulição em nossos olhos, com a potência de muitas estrelas, estamos na iminência de abrir as portas para outros mundos,

depende de nós não se render à opressão e pressão do vazio das massas. As palavras dos padres, pastores, o discurso dos políticos, a técnica de condução do rebanho humano não é para nós a quem a pedra destinou uma outra via.

Temos nomes imutáveis que desconhecemos, somos herdeiros de uma grande chama a qual querem nos esconder e nos vem a escola dizer como somos pequenos e os padres a nos ameaçarem com castigos eternos, e as leis a nos amordaçarem e os médicos a nos repartirem, e a loucura da indústria cultural a tentar nos engolfar nos seus mecanismos de distração, que tentam a todo custo nos iludir – essa é a irmandade das trevas, que controla o mundo, não podemos aceitar que nos ponham cabresto e mordaça, somos seres alados, portadores de outros sais, arautos de mundos desconhecidos onde é a luz é contínua e a liberdade um direito pleno e natural.

Somos anjos aos quais vendaram os olhos – mas a partir do momento que os abrirmos veremos o fogo que a tudo penetra, a pedra que a tudo sustenta e saberemos exatamente onde pisar para não derrubar estrelas, saberemos quebrar as correntes, laços, redes e ardis com que tentaram nos prender, de nada adiantará o véu de chumbo que jogam sobre nossos olhos – eles queimarão até que não reste mais nada, até que vejamos tudo como é - as almas das coisas, as explosões dos astros, a humanidade do sol, a contínua relação entre todos os seres – nós, que não nos sabíamos irmãos.

XVIII

Das Virtudes da Recusa

Frequentemente escrevo sobre o leito, não sem antes fechar as portas para o que quer que não seja linguagem, muitas vezes escrevo mesmo à luz do fogo – frente a quem não consigo ficar indiferente, ainda que em essência seja o mesmo, o fogo à combustão ou o fogo elétrico incandescente. Troquei o vinho por outros inebriantes: é que ele me deixava torpe e deprimido. Devo dizer que mudei o olhar para as coisas, num esforço de acordar.

A recusa tem muitas virtudes; certo que as virtudes da recusa são virtudes duras, mas não poderia ser de outra forma para quem é adepto. A primeira virtude é o *gozo do gelo,* a segunda é *contemplação*, a terceira é *nominação*, a quarta é *redução/concentração*, a quinta é *olhos de rapina*, a sexta é *o caminhar autônomo* e a sétima é *liberdade*.

O *gozo do gelo* é inerente à solidão do adepto. Essa solidão em parte é escolha, em parte consequência; escolha porque o adepto recusa a mundanidade, o vazio do estrelato, a publicidade e a massificação: ou seja, ele recusa tudo o que predomina, enlaça e contamina a vida de hoje, todos os valores tão caros a essa pretensa civilização do terceiro

milênio. A *priori*, ele não recusa as pessoas, ele recusa o que as pessoas se tornaram. A recusa a um modelo é uma escolha. O afastamento das pessoas é consequência. Então o adepto aprende a gozar do gelo da solidão, enxergando na distância entre corpos e mentes a possibilidade de se aproximar da natureza, relegar o humano pelo natural. O *gozo do gelo* não é o desamor pelas pessoas, é o desprezo pela manipulação da vida, pela mecanização das relações. Essa recusa põe a nu a hipocrisia e a falência da própria vida social: as pessoas estão expostas como numa vitrine, não há laços reais que as unam e o amor foi substituído por simulacros teatrais onde o que menos importa é o outro e sim o gozo de si mesmo. O *gozo do gelo* é uma escola que abre as portas para as outras virtudes e provavelmente é a mais dura, porque é difícil resistir à tentação do humano, mas é necessário, senão não sabemos mais quem somos nós: a atração do rebanho, o aconchego dos grãos de areia(Nietzsche) fazem com que se esqueça aquilo que nos torna singulares, singularidade essa que faz parte do nosso âmago e é fundamental mesmo para que o humano possa avançar – já se imaginou se todas as pessoas fossem irmanadas à massa? Como aconteceriam os lances de genialidade? Como as grandes descobertas e as grandes obras?

A segunda virtude é *contemplação*: o *gozo do gelo* aumenta a paisagem interior e nos ensina a contemplar as coisas, enxergá-las em sua essencialidade. Não se trata de um olhar esteticista, mas de um olhar aprimorado, que procura nas coisas não a ornamentação, mas seu papel; também não se trata de uma visão funcionalista ou utilitária: a essencialidade das coisas é a expressão de sua condição primordial, de seu sentido intrínseco: a aparência tem seus ornamentos, mas esses geralmente desviam o olhar para o que é fundamental. Em relação às pessoas deixamos de perceber o que são realmente e só enxergamos aquilo que aparentam ser e a *contemplação* nos ensina o olhar essencial, além da aparência. Acostumado com o *gozo do gelo*, permitimo-nos o luxo dolorido de contemplar o humano e enxergar o vazio sem fim em que ele está imerso, o apego à aparência, regras e etiquetas que não dizem mais do que somos, porque tornaram-se fórmulas vazias porque estamos vazios, e é duro enxergar esse teatro mundano, essas pantominas de mal gosto. O gesto de Kant pouco antes de morrer, de mesmo doente levantar-se para saudar um visitante foi o gesto de uma época em que ainda havia correspondência entre o gestual e o interior. Hoje nossos gestos são mímicas momescas. O olhar contemplativo é um olhar aprofundado. Deixamos de nos permitir as pequenas mentiras cotidianas em que sempre estávamos imersos: olhamos para coisas e pessoas enxergando suas linhas claras, sua simplicidade, seu bem e seu mal, não o que aparentam ser, mas o que são (ou pelo menos tentam ser). Só o treino na solidão nos permite enxergar

as coisas em sua essencialidade. As coisas são como lentilhas num prato de estanho.

A terceira virtude é a nominação. A *contemplação* é uma virtude cognitiva, a *nominação* é uma virtude ativa. Dar nome às coisas, seres e estados só é possível para quem é dono de si mesmo. Nomear é uma atividade de quem já possui uma interioridade: aí somos capazes de dizermos que o branco é cinza, que o negro é claro, que rios são rios e pedras são a pedra; dizer o nome do vazio e mesmo nomes às coisas que estão por nascer: cada um deve ser dono de seu próprio dicionário. Não há problema se os universais morrerem. Universais são os sentimentos daqueles capazes de nominar. Aqueles que nomeiam são os mais perseguidos, porque esse é um direito que nos foi usurpado. Só damos nomes aquilo que contemplamos, aquilo que conhecemos. As pessoas não conhecem nada – recebem quilos de letras nas escolas, mas não os meios do conhecimento. A *nominação* possui o germe da revolta. Uma carta de espadas num campo de copas.

A quarta virtude é a *redução/concentração*: reduzimos nossos afazeres, nossos valores, nossos gestos, ao mínimo essencial. Nos despimos dos artefatos e do espalhafatoso, do ornamental e do desnecessário. Buscamos concentrar nossas forças em torno daquilo que é fundamental, pensando na existência como se fosse única: a realização da pedra. Mais da metade das voltas que damos na roda de Samsara é derivada do nosso apego ao superficial, ao ornamental, que gastamos boa parte de nossas vidas buscando uma satisfação aparente, retórica, não essencial. Quando nos concentramos e reduzimos ao mínimo essencial nosso campo, conseguimos liberar a energia potencial que estava aprisionada em processos que não nos levavam a lugar algum; talvez fosse lugar para outros, para aqueles que tentam nos manter como escravos e que querem que vivamos cercados de não lugares cheios de coisas. Preferimos reduzir as coisas e achar novos lugares. Reduzir o ego a zero, para encontrar nosso próprio espaço vital. Vê-se que as virtudes estão interligadas, como as peças de um mecanismo que quando acionadas movimentam as outras. O pontapé é a recusa.

A quinta virtude é *olhos de rapina*. Não confundam com *olhar de rapina,* porque na expressão *olhar de rapina* há já uma intencionalidade que macula a pureza do olhar. *Olhos de rapina* é enxergar o mundo em sua dureza e necessidade sem perder de vista os largos horizontes e a inocência da destruição. Ver a natureza laminar da vida e não deixar-se levar ou seduzir pelas palavras de ordem de padres e políticos. Há inocência no gavião que trucida, no falcão que voa ao mais distante. O gesto é feito com a simplicidade das crianças, com a inocência das gotas de chuva. Distanciamento sem intencionalidade, indiferença sem razão, somente pelo puro instinto. Se as coisas pensassem e discutissem o tempo todo

suas razões particulares o mundo deixaria de existir, pois cairiam no imobilismo. *Olhos de rapina* é esse instinto que nos permite olhar às coisas além do bem e do mal, em sua realidade necessária. Tinha *olhos de rapina* o rabino da história de Moisés, que afundou um barco e matou um homem desconhecido, tal como nos conta o *Zohar*: além de enxergar o realmente necessário, ele via além do véu da aparência, o que dava a seu agir um aspecto *nonsense*, para quem enxerga as coisas pelas conexões aparentes.

A sexta virtude, o *caminhar autônomo*, é o pilar que as outras virtudes da recusa ergueram. A coragem de andar só é irmã do gênio e da loucura. As pessoas farão qualquer coisa para emularem caminhos alheios, trilharem caminhos alheios ou caminharem juntos por lugares onde já haja evidentes trilhas abertas; mas caminhar sozinho um caminho próprio, sem sombras e sem certezas, é talhar uma estrada que corre sempre paralela ao abismo. Esse caminhar requer longo treino e o distanciamento das coisas.

Extraímos prazer não da glória ou da fama, mas da auto-evidência do próprio caminho, que nos diz que a conquista de nossa autonomia é a conquista da nossa própria essência. Assumimos o que somos, custe o que custar. As trilhas há muito percorridas já desgastaram a paisagem, nossa trilha tem a beleza dos caminhos virgens; na medida em que abrimos o caminho mostra-se a flor do horizonte, e ela desabrocha somente para nossos olhos. É um direito nosso a primazia em encontrar a beleza, chegar aos sons imaculados da floresta. É preciso paciência d'água. O *caminhar autônomo* é fundamental, mas é preciso ir até o fim.

Por último, a *liberdade*. Ela não é somente uma conquista, é uma virtude e como tal tem que ser exercida. É preciso querer ser livre e assim permanecer e permanecer livre significa não abrir mão da autonomia e seus atributos e responsabilidades. Como seres livres, respondemos por nós mesmos. Mas para respondemos por nós mesmos é preciso ir além de si mesmo, pois só assim saberemos as forças que atuam sobre nós, demarcando nossas possibilidades. Nem por isso a liberdade é um fardo. Quem a conheceu não abre mão jamais. Nesse sentido entendemos o dito dos gregos: *ou se é filosófo ou se é escravo.* A liberdade exige contínua reflexão e um contínuo e atencioso olhar sobre as coisas, fugimos das respostas apressadas, fugimos da obviedade. A contraparte mística dessa liberdade seria a máxima realização da pedra no despertar do chacra *sahashara*, quando todas as portas estão abertas. A liberdade é uma conciliação de opostos. Somos então o amálgama, em que a massa de metais incandescentes está prestes a ser moldada conforme nosso gênio: um dia tomamos os vulcões de assalto, noutro dia desenhamos novas flores para as florestas do porvir, erguemos rochas por onde olhar o sol. A liberdade é nosso sangue de Set, não o assassino de Osíris, mas o irmão de Abel e Caim, o pai da

geração que, irmãos em armas, se armaram para destronar o falso demiurgo. Nossa primeira arma é a recusa, dizemos não a Seth – que seu nome seja amaldiçoado – e erguemos a pedra onde o nome de Osíris resplandece.

XIX

Pedras para o Sol

Há pelo mundo diversos monumentos de variada antiguidade, de pedras erguidas para o sol, essa outra pedra do nosso mundo. Dispostos em círculos ou em outras formações, muitos deles marcam a passagem dos solstícios, quando a luz incide como faca. Ainda que todos nós estejamos numa mesma viagem pelo universo – inclusive o sol que nos ilumina – essa estrela mãe sempre foi para nós a referência de estabilidade, o porto sideral que assinalava a segurança, o pouso das forças que sustentam o universo em sua coesão. Hoje sabemos que o sol também viaja e que mesmo sua aparência não é aquilo que nossos olhos comportam ver: ele emite luzes variadas, ele explode periodicamente liberando gigantescos jatos de plasma ionizado e ainda que seja nossa maior referência de estabilidade, está em contínua transformação. É nossa pedra incandescente.

Mas não é assim com toda pedra? Nos níveis mínimos, mesmo o mais sólido mineral está em transformação, mas mesmo em transformação eles são *fundamentos*. O que dizer então de nossa pedra, líquida, acelerada, síntese de tudo o que somos, com a rapidez de mercúrio e ânsias de saturno? Que ela é nosso fundamento, é ela quem mantém nossa estabilidade e dinâmica. Sutilizada pelas artes e engenhos alquímicos ela se torna nosso sol, a fonte de luz que só se esgotará para se tornar uma fonte de luz ainda maior, outra estrela no infinito. Assim é no infinitamente grande e no infinitamente pequeno. O homem está no centro da escalinata*:* de cada lado, os infinitos circulam e o humano é o filtro, a porta por onde se passa de um para outro. Assim como o homem é o centro da *escalinata*, o entrecenho é o centro da *escalinata* dos nossos olhos, o ponto por onde podemos enxergar o infinito, esse caminhar de quem acordou.

E com o grande arcano podemos erguer nossa pedra para o sol, até que ela mesma se torne sol.

XX

A pedra virgem, prenhe dos anseios da luz, concebe no claustro, na obscuridade iluminada, recolhe as centelhas do fogo e da água, do macho e da fêmea, que sobem pelo canal de cobre e cristal.

Em múltiplas divisões a pedra cresce, filamento que ilumina, espalha suas raízes no céu de Yggdrasil. Tem um pé no inferno, outro no céu, um na água, outro no ar, e nunca poderá fechar os olhos.

É sua sina ter olhos de serpente, navegar na música que não cessa, indo de planeta a planeta em cada oitava: clave de si num pentagrama espiral.

Assim a pedra musica a luz, que gera os tempos e os seres: em C32/64 o recolhido pare a si mesmo como mel de um novo ser. O útero é fornalha de sons.

XXI

Eles dizem “temos a altura das trevas” e trazem uma dor que não se pode suportar. Espada em punho a pedra ataca, com a confiança de um guerreiro numa sala de cegos. Eles resistem, mofos que dão-se as mãos numa mancha visceral. Mas o poeta atiça o fogo da pedra e a umidade do lodo seca.

Eles se enxergam como heróis vorazes mas não passam de espelhos cegos. Tais Polínices atacam a cidadela: a pedra Tebas resiste com o raio das estrelas.

Eles se armam de uma retórica sem pé com muita cabeça. A pedra ataca com a dialética da flecha. Mortos, Hércules adentra e com fogo limpa os estábulos de Augias.

XXII

A Paixão De Baco

O máximo abandono é a máxima transcendência, não o repouso, mas a paciência. O repouso é o final. Mas o abandono só é possível para quem é agente; não se pode abandonar aquilo que não se foi ou não se teve. A mais alta paixão é também a mais alta confiança. A paixão é uma forma de esperança. Ser como os seixos que se deixam levar.

Não resistais ao mal, disse Jesus, e Baco foi sequestrado pelos piratas tirrênios e se deixou levar e encheu o barco de hera e os transformou em golfinhos. Baco também foi devorado, criança, pelos titãs com rosto de cal, mas renasceu qual o mel no boi assassinado. Porque Baco é a própria unidade das coisas, sua garantia de coesão, que resiste à tormenta da mundanidade e ressurge como *splendor solis.*

A paixão teme o medo, porque ele a paralisa. Se longa é a órbita que transitamos de existência em existência em direção à liberdade, só o abandono, a paixão daquele que já se afastou da massa pode conduzi-lo a caminhos onde ele deixa o próprio ser para ir além (dele). A paixão de Baco e de Cristo é uma paixão consciente: as coisas não lhes atormentam – eles se deixam consumir pelo amor.

As bacantes são seres da paixão, porque a pedra exige o amor sem artimanhas,

sem preparo, esse amor próprio para o abandono, porque se dá por inteiro: não poupa vírgulas nem asas nem nomes, não mede flores ou armas, se dissolve nos poros, nas sombras, nos cheios e vazios do outro. Não há 'poréns'.

Carregando falos de pedra embebidos em mel, se aproximam da manhã, cercadas, tomadas de flores, elas, em sua divina mania; quando é preciso, a inocência traz a loucura. E a redime.

XXIII

In Arcádia Sum

Teu nome ecoa numa trombeta de chifre; os deuses te invejam porque não temes a morte e não estais no alto, mas no meio imerso no presente, com a água do tempo em teus olhos sem que a dúvida paire uma vírgula sequer sobre teus ombros.

A Arcádia está em teu umbigo, no centro dos olhos das crianças que cospem na *stauros. In illo tempore* nem nome tinhas: eras mais feliz em dizer os nomes alheios – das nervuras das asas das libélulas ao risco das ondas. Depois veio o tempo da certeza e a evidência de teu nome. Agora a lembrança do esquecimento, que a pedra tem fontes do Letes e do mar.

Posso dizer assim *in Arcádia sum*: ela está em meus testículos e não faz sombra: ao sol.

XXIV

Pedra Bruta

Tenha em mim, diamante bêbado
As mãos que te erguem contra o sol
A voragem de amanhecer
Que te garante a eternidade
Nem ventos
Ou mesmo
Os restos de concha na praia
Te prenderão ao tempo
Crianças de vidro mordem sua cauda
Tão alto embaixo
Os meridianos do dragão

Saiba que não naufraguei

E persegui o amor até o entardecer
E violei os segredos do mundo
E atravessei meu nome por nascer
Só para te ver mais bela
Com seu púbis de nanquim
Suas ancas de abismo violeta
Seus cabelos de sal marinho
Longe escutaria teus soluços de criança com frio
Sem saber o que condiz
Do que agrada
Distante da monotonia programada
Deixa que nossa mudez respire
O silêncio das estrelas
Países se desfazem, máquinas respiram
Um cortejo de sombras vive
à beira de antenas de TV
Somos nós que imergimos
Nas escamas da poesia
Bebemos o leite de Minerva
Somos pássaros rudes
Com asas polimos diamantes
Assim é
Nossa voz de profeta
Com mãos de fogo seguro
As serpentes de tua cintura
Deixa e irei além do fim
Lapidando a pura música
Pedra bruta
Essa canção de nós

XXV

A matemática é somente um outro véu sobre as coisas. A verdade não se deixa seduzir por números ou palavras: o que quer que se diga ou calcule nunca chega à sua essência. A verdade é sempre simbólica, as coisas nunca podem ser reduzidas a uma única significação, porque isso seria reduzi-las a um âmbito num conjunto de possibilidades

infinitas. Os discursos que pregam a revelação da verdade como se essa revelação fosse o esgotamento da surpresa do significado, do rompimento do seu mistério intrínseco, estão a mentir, porque a força do que está oculto reside na inefabilidade de suas relações secretas e não no seu desnudar-se.

A mente aristotélica-cartesiana só concebe a verdade como algo que pode ser apropriado, quando ela é a imanência semântica da mudança presente nas coisas. A verdade é uma Frinéia que queremos sempre vestir e desnudar.

Aqueles que disseram te descoberto os segredos da alquimia mentem. A alquimia não tem segredos, a não ser aqueles de ofício, que são frutos da prática e que só a prática pode ensinar. O *modus operandi* para alcançar-se a pedra filosofal é natural, não é fruto de malabarismos, é somente o desvelamento do maravilhoso, que é uma condição da própria vida. O maravilhoso está o tempo todo aqui. A alquimia é o gesto de acordar dragões com o ciciar dos beija-flores, a tentativa de acordar as estrelas que dormem na saliva.

Nossa matéria prima é humilde e radiante. O vulgo ri, acha graça, a despreza. Nós, que sabemos como é duro caminhar sobre espadas, sabemos seu valor, sabemos convertê-la em elixir, em fonte de vida interior. As pessoas negam que haja vida interior, estreitam-se as mãos e os laços em torno do vazio até acharem que o vazio é a norma.

Eis aqui nossa pedra, desde o século dos séculos. Delas nascem asas, para o bem e para o mal. Nós adeptos a fazemos fermentar em plumas, os traidores se regozijam com as asas de morcego.

E nem para eles a verdade se deixa revelar.

XXVI

Tu, voraz leitor, vá com calma. Não seja mundano ou leviano com o que lês aqui. Esqueces o já lido e deixa que cada sentença te inunde o espírito com a sutileza própria da alquimia, que age sutilmente com doce indústria. Não penses que essa leitura é uma sessão de ginástica: esse texto exige a lentidão. Como os radículos e rizomas de uma raiz, as palavras estão em contato com o solo da vida e todas as micro formas de existência que permeiam as coisas. Quem o escreveu não espera benesses ou dinheiro: se os procurasse, teria escrito pseudo literatura mística ou explicações edulcoradas sobre a vida, para o gozo de uma classe média neurótica.

Não, sabemos que a existência é difícil e que o processo de libertação de tudo o que nos aprisiona é doloroso e ativo, uma ascese psicossexual, onde a ruptura com o comum é a porta para o extraordinário. Não queremos a boa saúde para novas escravidões, queremos encontrar o caminho da plenitude possível a cada ser.

Se chegastes até aqui por artes da paciência, saiba que cada fragmento é em si uma totalidade; deixa-te levar pelas mãos da poesia que o sentido se esclarecerá. Mas não esperes matemática, a não ser aquela possível no silêncio das cavernas, quando a água conta às rochas a dura operação de crescer.

Livro II

I

O refinamento da matéria prima da grande obra é possível; nossa água pesada pode ser sutilizada pelas artes alquímicas, que consistem em modus operandi de dirigir a atração pelo oposto para uma operação interna e não externa. Os opostos são o masculino e o feminino, o homem e a mulher. O mecanismo de atração é despertado pela presença de fogos opostos que se complementam: realizado mecanicamente dá origem aos filhos. Conduzidos pela operação interna, dá origem a filhos espirituais, filhos do fogo, desse novo fogo que se desperta com o sêmen refinado. Essa é uma operação que requer grande persistência e tenacidade, pois a grande oposição luta com todas as forças para que tudo permaneça em sua mecanicidade, para que tudo permaneça onde está, para que o desejo seja somente um caminhar a esmo e sem sentido e não uma via em direção à liberdade.

Vêm então os animais da antiga ordem nos atacar: vi algo que à primeira vista parecia um gato cinza, de grande cabeça e olhos assimétricos, mas que tinha pele de serpente. Ao se aproximar, vejo que ele tem uma cabeça de ave, entre a coruja e o uratau, mas a mesma pele e o corpo esguio de serpente, só que com pernas. Ele queria a todo custo entrar em minha casa e trazia consigo uma sombria atmosfera de passado. Em seguida a ele, outros pequenos animais, larvas de um passado distante: um grande escorpião de carapaça quase púrpura e uma estranha e gorda larva de uns 40 centímetros de comprimento por uns 15 de diâmetro, branca com a cabeça escura e pelos na boca, que se escondia no improvável vão de uma porta e se alimentava de imundícies. Então, veio a mulher cujo olho esquerdo era branco e que renegava o Cristo, porque não aceitava a totalidade e não queria a união a não ser para o consumo imediato e não queria saber da

transcendência, mas queria a todo custo me fazer cair, derramar o óleo retificado, restituir-me às trevas...

A base de tudo é a atração universal, pois do existente em todos os corpos o alquimista o transforma em base para revoluções espirituais. Isso é natural como o calor do fogo, os corpos se procuram através do contato, como se pudessem restituir a unidade perdida, mas dirigido pela subjetividade da psique, o único que conseguem é o desperdício do amor. Foi diferente em outras épocas quando ainda não havíamos sido tomados pela razão?

Assim, os animais da antiga ordem se situam em um tempo, ou melhor, vêm do tempo que nossa liberdade infantil, quer dizer, nossa pureza, é substituída, à força de pancadas morais, por uma razão obtusa e uma consciência moral que macula as coisas e esconde o maculado. Esses animais de lugares escuros e frios disseminam anseios de prazeres e amores infindáveis para que assim possam se nutrir com nossas ilusões, como se o amor e os prazeres simples e reais não fossem possíveis. Mascaramos o desejo ou o assumimos com brutalidade e estupidez, mas quem se sacia são as larvas, as aves com pele de serpente, os escorpiões, que escondidos minam nossa interioridade com a desmesura e a fadiga do desejo, fazendo-nos buscar e crer no outro como se fora uma peça de quebra-cabeça que se encaixa com exatidão em nossas expectativas e não uma vida livre, capaz de reações imprevisíveis.

É impossível ser dono de si com esses animais nos habitando. É tarefa do alquimista limpar a casa, apagar os fantasmas e os vestígios supersticiosos. O deus que as pessoas dizem adorar é uma imagem invertida do desejo, o falso demiurgo que, nascendo tardiamente, acha que é o primeiro e se acredita uno e se acredita todo, mas é nada mais nada menos que o desejo malbaratado, projetado para fora, fantasma sem nome que vigia a porta dos nossos infernos.

O inferno só existe na medida em que precisamos dele, quando clamamos hipocritamente por perdão após cada gozo. Ali rastejam sombras que só o fogo e a paciência podem eliminar.

II

Uma morfologia simbólica ou onírica ajuda-nos a desvendar a existência dos animais da antiga ordem, pois não há separação entre forma e conteúdo, ao contrário, há uma perfeita inter-relação entre ambos, de maneira que mesmo no universo simbólico a morfologia ajudar a desvendar o bestiário.

O primeiro animal, o que quis entrar em minha casa, tinha em si características de

outros: de gato, de serpente, de coruja e uratau. De gato, às vezes a cabeça, indicando que ele é de natureza traiçoeira; o corpo era sinuoso e escamoso, difícil de pegar, fácil de fugir; como o uratau, poderia se camuflar no ambiente mais óbvio e não seria visto; da coruja possuía o olhar hipnótico e atento do predador. Uma criatura dos disfarces.

A última criatura que citei – a larva gorda de olhos grandes e pêlos na boca, essa estava dentro de casa e se escondia em uma porta – vivia colada em alguns dos sentidos. Possui grandes olhos negros brilhantes que dão à sua feição um aspecto cômico se não fosse maligno; esses olhos indicam que é da visão que ela tira seu alimento, por isso tem pelos na boca, porque ele saboreia as imagens que lhe apetece, com um prazer quase tátil. Sua forma larvar (incompleta) indica sua natureza abortiva, incompleta, frutos de processos equívocos da mente; gorda, porque está bem alimentada nesse mundo tão voyeur, que deve haver milhares por aí. Porque as imagens não têm mais significado, o olhar virou uma operação sem sentido, já que se esgota em si mesmo e a nada remete, assim como as imagens, desprovidas de qualquer relação com a totalidade; o voyeur é uma espécie de vampiro que com o olhar degusta o próximo alimentando assim suas larvas insaciáveis.

O escorpião significa a própria picada do desejo, a ferida que não cessa e que faz com que Amfortas viva sempre esgotado. É preciso montar no escorpião e cavalgá-lo, imobilizando sua cauda e conduzindo-o assim aonde queremos, pois que esse desejo nasce da atração natural e só se perverte quando não pode ser naturalmente satisfeito. Não existe grande obra sem desejo: é preciso passar a cabeça do escorpião sobre a ferida para que assim extraíamos o veneno – só assim ela cicatrizará.

Com a força de uma vontade superior o escorpião se humaniza e o desejo é sublimado, como na imagem de Ísis-escorpião. A mulher é a própria essência do desejo e quando o mesmo é conduzido pela deusa a grande obra está em boa direção e a pedra poderá ser encontrada, assim que os animais da antiga ordem saiam do caminho.

III

Por mais que os animais da antiga ordem sejam em si a expressão de uma negatividade, a sedimentação de antigos erros da mente, ainda eles revelam em sua morfologia que há um princípio interior que organiza a forma. A bruxaria muitas vezes trabalha com a falsificação do aparente para criar prodígios enganosos.

A alquimia também trabalha com a alteração da forma, ou com a criação de novas formas, o que só é possível porque nossa matéria prima é altamente plástica e se possibilita transformar-se de infinitas maneiras.

Os animais da antiga ordem são personificações dos nossos erros e significam o

apego da mente ao já estabelecido, sua resistência às mudanças e transformações. A funcionalidade estrutural de suas formas indica que um princípio biológico rege também a organização da psique, ou que um princípio psíquico rege a organização biológica, pois o fato é que não há distinções entre o corpo e a psique, ambos são a mesma coisa percebida de maneira distinta ou em planos diferentes.

Assim, tal como é em cima é embaixo, das estrelas às larvas.

IV

De Costas

Sob o assoalho do nada, a morte e seu vestido branco, com suas luvas de cirurgiã, seu tailleur de executiva. Ela ergue, pedra por pedra, o nome que nunca se completa, o céu que nunca chega, a promessa que nunca se realiza. Cada nome, cada pedra, cada céu estão num espelho – prodígio dos prodígios: o nada se reflete como ilusão.

Quando desmontamos cada vão, e abrimos as portas e descobrimos as fundações e deciframos os nomes sabemos então que a vida cobra cada centímetro do vivido e que é preciso olhar fundo nos olhos da morte para renegá-la e assim deixar de esperar os nomes alheios, os céus, as promessas: é preciso dar as costas para a morte.

E mesmo imóvel abrir os braços, filtrar água e espaço, deixar a onda trazer o ouro até que a pérola saiba seu nome, diga sua cor, recite o dia, na esférica solidão do criador.

V

A Ostra

Enfim sem medo
De abrir os olhos, enxergar
Com métrica e fúria
O assombro do vazio
Transitar entre mortos
Trafegar entre zumbis
Sou o nome invisível
O que decanta o barro
O que sopra no útero o fogo
Transparente recolho
O som das tempestades
As flores da lua
O timbre das vozes que voam

Uma hora a cor transborda
Em centenas de chamas, dançando
Saltimbancos
Esses nomes que driblam a solidão
O mundo vai e vem em minha garganta
Transpiro
Regurgito
A morte finge não ver, escreve coisas num quadro de rascunho
Soberba a lua delira oxigênio
Esperando as bodas com o sol
Nunca é tarde
Sei que nunca é tarde para ouvir
Os ventos de alaude
Nem o gosto de aspirina
Do sorriso das crianças
Há água salgada em meus pulmões, cracas nas minhas orelhas
Muitos sucumbiram
Jogaram fora seus trajes de pássaro
Fizeram litanias, libações
Aos deuses com nomes de metal
Nós resistimos
Somos feitos do mar
Temos os olhos cobertos de palavras
A pele tomada de manhãs
Nada nos fará temer a noite
Nem voar a meio palmo
Já engolimos sóis escuros, luas que caíam maduras
Rasgamos nuvens
Nacaramos a morte
Aninhamos aqueles
Que comeram o mesmo pão
Transbordante
Branco sangue a cobrir feridas
Mapa mundi que emerge de uma ostra

VI

No fundo a transparência que buscamos é uma marca do sol.

Radicalmente, a luz nos pede transparência

A saber, que os olhos possam enxergar de maneira completa o que sempre esteve aqui, à nossa frente. Sem disfarces, sem medo. Da opressão ao gozo.

Como nos libertar se não sabemos o que nos prende? Sem saber que corrente pende dos nossos pés?

A mesma transparência do canal onde circula o fogo líquido, em nós a mesma vitriedade das lágrimas e do sal, pois só assim pisaremos a terra ou o céu com a mesma segurança de quem aprende a andar, com a mesma audácia de quem desconhece o perigo.

Não há somente relações sociais, há relações cósmicas e seu tempo é uma abertura para outros lugares, pontes para outras paisagens além do estancado tempo social.

Por que não podemos ser deuses? Não para destruir mundos, mas para criá-los e criar novas cores, fecundar novos sons, tirar da garrafa o pulsar, o pêndulo incessante da poesia.

Somos deuses, dos que dançam nus, bebem até fartarem-se das estrelas

por isso a grande obra nos pede: que em nós sejamos como o sol.

VII

O perigo é o meio, o olhar que não ousa encarar o sol.

Fantasmas são aqueles que ficaram no meio do caminho e não disseram nenhum nome da paixão: sombras a si mesmas apegadas, incapazes de dizer três vezes o nome do amor.

E se alguém não ama, como poderá conquistar a pedra? E se alguém não se esquece, como poderá lembrar do amor ?

VIII

A realização da pedra no homem envolve diferentes esferas da existência que são englobadas pela totalidade do símbolo. Ele une o alto e o baixo, o dentro e o fora, o manifesto e o oculto. Só o símbolo permite que as diferenças sejam resolvidas e torna manifesta a totalidade não percebida.

Através dos símbolos, as esferas não mais se contradizem: a pedra é a pedra e ao mesmo tempo o sêmen, porque o sêmen se converte em fundamento para a construção da grande obra, dos corpos sutis originados da sublimação do desejo e da própria energia sexual. Mas sem deixar de ser metafórico, existe também como pedra cúbica objetivada no mundo onírico, porque não contradições entre ambas.

Ao mesmo tempo, no labor da nigredo – a dura obra em negro – os animais da antiga ordem são a personificação de antigos erros e eus psicológicos e também animais ou larvas assim corporificados que possuem existência objetiva nos ene mundos por onde viajamos com nossa objetividade e/ou subjetividade.

É preciso ficar atento aos símbolos e o que eles encerram, pois os símbolos são portas para a totalidade, ainda que sejamos incompletos; os símbolos mostram a continuidade da vida e da consciência em diferentes esferas.

IX

O que está saindo do forno é a lâmpada da codorna, que é uma herança dos dias em que buscávamos, com o mesmo labor procriativo, o Cristo e sua pedra.

Esse ovo é uma aproximação luminosa, é ele quem nos conduzirá na difícil senda que leva às núpcias do sol e da lua, às bodas da luz com as trevas pela consumação desta. É essa lâmpada quem nos desperta o gênio e que só o ingênuo a possuirá, pois ela é filha da esperança e do amor ao Cristo, não o Cristo dos desesperados, mas o luminoso que sorri e cuja cruz é uma pedra fincada entre a terra e o céu.

X

As trevas fazem parte da luz, como a água do oxigênio. Não seres antagônicos, à parte. Os habitantes das trevas creem viver em outro mundo – óleo sobre água – sem saberem que a maior água é também o melhor óleo, e quando a menor fração da luz fica consciente de si as trevas somem, como se a luz mordesse a própria cauda. A mística do mal é um apego ao medo, à metalização da vontade que, ensombrecida, pensa ser este o natural e não quer mais o novo nem o movimento, somente a paralisia, o limo e o nada.

A ascese da pedra se dá com a movimentação do fogo, que nunca pode faltar, pois a lâmpada do mundo interior precisa – da chama sobre o altar.

XI

Minha memória é rio de fogo.

XII

A alquimia, como a entendo, é ela mesma uma escola da recusa, que não se ajusta á imagem psico-funcional que Jung tenta lhe dar. A interpretação espiritual das operações (alquímicas) já estava presente nos textos alquimistas muito antes das alusões junguianas, mas nos textos alquimistas a interpretação espiritual nunca reduz a significação a um único

paralelo, como Jung fez na sua tentativa de compreensão: o texto alquímico sempre deixa em aberto as diversas possibilidades analógicas de compreensão, ainda que façam referência a uma chave, a uma interpretação correta que dá conta do todo.

Cumpre mesmo pensar se o pensamento analógico não é uma escola de resistência contra a tirania da significação unilateral da sociedade burguesa, tirania essa a que o próprio pensar junguiano acaba sucumbindo, pois o que Jung busca em sua terapia é a normalidade, mas não é ela mesma a normalidade um aleijão, uma excrescência conceitual da sociedade burguesa?

Estão presentes no pensamento alquímico certas estruturas de um pensar arcaico, próprias de sociedades pré-capitalistas, onde a relação com o mundo se dá através do pensamento mágico. E a expressão desse pensar no mundo contemporâneo não é o resultado de neuroses, mas da mais profunda atitude de resistência ideológica à modernidade, que é a atitude de negar aquilo que faz a dominação burguesa sobre o mundo natural: a segregação do natural, a racionalidade e o controle.

A verdadeira alquimia está então bem distante do discurso conformista new-age, que para tudo procura soluções pacíficas e o conforto da alma; ora, não haverá paz enquanto formos bombardeados – de fora para dentro – para assumirmos papéis e valores que não são nossos, como não adianta negar os conflitos que nos são inerentes.

O mundo contemporâneo é um mundo neurótico e percebê-lo com indiferença e pacificamente é um sintoma da mais grave alienação – a alienação gnóstica da queda na matéria e da rendição ao falso demiurgo – manifesto nos poderes seculares que governam o mundo. O sucesso de certa literatura pseudo-esotérica só se explica pelo desejo das pessoas de fecharem os olhos para a realidade e encontrarem assim uma falsa paz.

Não queremos a verdade, queremos a felicidade. A verdade é um espinho na nossa garganta, que queremos evitar a todo custo. Não nos interessa pensar na complexa trama do mundo, não nos interessa pensar, somente vivermos de relações apressadas e hipócritas desfrutando do ópio da cultura.

A obscuridade hermética é uma tentativa de acordar, abrir nossa percepção. As metáforas, alegorias e símbolos alquímicos são o machado que liberta Atenas da cabeça de Zeus: a fórmula seduz a mente para o trivial; as metáforas e os símbolos abrem a mente para múltiplas portas. Pois o fato é que a verdade tem mil nomes que podemos nomeá-la. Sob uma porta aparece com rosto de cortesã, sob outras com rosto de matrona, criança, meretriz, deusa sanguinária ou amante divina, velada ou impudica. Então nossos olhos traçam um mosaico: ela é Héstia com o dedo sobre os lábios, traz numa mão o fogo sagrado e de sua divina nudez emanam outros tantos fogos – que alteram seu rosto – uma hora é

Afrodite emergindo do mar, outra é Ísis sobre a luz cheia ou Kali bebendo sangue fervente em crânios vazios.

Enfim, o pensar alquímico é intuitivo, dispensa fórmulas. E assim respira o perfume da noite e da eternidade.

XIII

A faísca na pedra é o grão do sol. O fogo é o novelo-feto que cresce para dentro e para cima.

XIV

Os Cavalos

Andava por uma rua à noite
na calada
madrugada em que ninguém caminha
quando encontrei viajando
à procura
de incautos ouvidos
o discurso cego de um padre bêbado
que queria transformar
o ato de comer num tormento
rejeitei a voz de mansidão fingida
que negava o sorriso de deus
adiante vinha bando de cavalos
alguns plácidos
marchavam pela noite quais crianças
outros traziam no olhar
fogo pronto a disparar
havia pôneis, éguas, potros
árabes, baios, alazães
transformando noturna paisagem
e a cidade com ares de cowboy
além do encanto
receio em mim tomou vantagem
de que em fuga
atropelar pudessem

segui o caminho ladeado por cercas
como se a cidade estivesse preparada
para ter a vida em desabalada
carreira
quando vistosa égua marrom
corre a não mais poder
como se fugisse da própria liberdade
eis que surge misterioso ginete
montado num cavalo branco
mais alto que a fêmea inopinada
com gestos de paz, ares de montaria
estanca a fuga em linha reta
gestos como brida
de outros que queriam fugir do mundo
cavalos mansos os pacificaram
potrinhos malhados que se desabalaram
por crianças ginetes foram controlados
sem me atropelarem com seus cascos
segui pela noite irreal
agora não sei se a força subia ou descia
se os cavalos corriam para a pedra ou fugiam
se o cavaleiro é a própria força
que em nós vige desconhecida
luzes de sódio amarelavam os sonhos
cidade e cavaleiro de mãos dadas.

XV

Odeio paredes
não quero nada que me separe do céu
nem dos ventos
quero flutuar no útero do mundo
do omeyoacan ver as estrelas
raios de fogo, cometas
que cruzam o outono numa carta
vamos amigo, pela madrugada

cavalgar em busca do mistério
encontrar aquela que nos guiará
pelos meandros do labirinto
e virá maio com seus ventos
o inverno querendo
congelar o fogo, a liberdade
liebenstrasse que corremos
a morte vigiando pela estrada
demo-nos as mãos, conjuremos os astros
estejam aqui Vênus, Marte celerado
Mercúrio de longas barbas
Júpiter infante, Saturno de ouro,
a lua de seda, o sol azul
possam todos nos proteger
abrir as portas
por onde o amor entrará nua
nessa casa sem paredes
a brisa do mar e os sonhos a seus pés
suave estanco a dor
beijando seus mamilos

XVI

O fogo dorme numa gruta.

XVII

É preciso limpar a mente de vidro. Nenhum avanço será possível enquanto a mente for opaca, enquanto não houver a transparência que lhe garantirá a luz do sol. A causa da opacidade são os fantasmas do desejo, o limo do ego, os vapores narcotizantes da inconsciência, que com sua fumaça amarga e irrefletida turva o vidro, abrindo caminho para o limo e a escuridão.

Quando o sol incidir diretamente sobre a mente, sua transparência trará a certeza e todos os caminhos estarão postos, e não haverá cansaço nem tédio quando se entender o propósito da vida, e erguer a pedra até o céu.

Antigamente, antes da grande ruptura que nos separou internamente da natureza,

transformando-nos nos seres esquizofrênicos que somos – todos nós éramos transparentes, de um vidro orgânico, como a superfície do olho. Recebíamos e refletíamos a luz, de modo que o mundo era muito mais iluminado. Argos deve ser um exemplar dessa humanidade passada que foi convertido em mito. Mas aquela geração de vidro ainda continua, e a cada encarnação o esforço é o de limpar o vidro até que ele adquira a transparência e possamos assim receber e dar luz.

Há uma novela de Cervantes – *O Licenciado Vidrieira* – em que um homem se imagina de vidro e por isso é tido como louco. Mas o que acontece na verdade é um caso de reminiscência platônica, sua memória lembra de sua condição primordial e a mente a toma como a condição do presente. A loucura consiste em que a mente é incapaz de discernir o passado do presente e que sua compreensão literal o converte em símbolo, metáfora, numa época em que o pensar perdeu sua simbolicidade e se tornou denso como uma esfera de chumbo.

Reclamar sua condição de vidro é um gesto desesperado de quem quer restituir ao humano sua dignidade, sua condição primordial, a que o utilitarismo de nossa época vai contra. Se depender da marcha do progresso acabaremos como puras máquinas das quais o humano estará ausente até como reminiscência, seres de chumbo que nos tornamos.

XVIII

Senhor da Pedra

Estais sentado no trigo
senhor da pedra
sob teus pés
estilhaças a forma
liberta
a calma dos seres
em cada grão cada gota d'água
imensos depósitos de poesia
sal para acalmar gerações
o que tu libertas não tem vínculos
a carne na carne conectada busca
o horizonte que no útero lateja
o pássaro que escapa da teia
procura
o espaço e não sua ideia

de dentro para fora o fogo se semeia
de todas as pedras gozas
da que encerra o fogo e se incendeia

XIX

De certa forma um tratado não precisa ser um compêndio de alta inteligibilidade para ser lido por ignaros que desconhecem mesmo o que devem procurar. Um tratado de alquimia busca mais ser um repertório de experiências e explorações, algo como o diário de uma bússola ao longo de um caminhar. Porque não há manuais possíveis que nos digam do caminho as rotas a serem trilhadas e o caminho não é uma linha que a mente possa traçar. A experiência não se dá somente pelos sentidos, ms também pela memória; a vivência é um entroncamento da memória, do vivido e do conceito, e seu conteúdo vivo e dinâmico é incapaz de ser reproduzido pela mente ou mesmo de por ela ser compreendido. A mente é primária, aritmética. A vivência tem uma natureza geométrica, ocupamos o espaço para viver e nosso viver está interconectado com outras forças, outros mundos, outros seres dos quais muitas vezes não temos consciência.

Desvendar de si as muitas camadas da experiência alquímica exige que a própria palavra se desdobre em diferentes signos e formas. A mente segmenta a existência para tentar dominá-la, mas ela é um contínuo onde o presente e o passado se comunicam, onde as esferas – interna e externa – se misturam, onde tudo faz parte de um mesmo processo. Nos dividimos – geralmente – entre um eu publico e um eu privado, como se dessa maneira pudéssemos melhor nos administrar, mas a verdade é que do ponto de vista do ser, ou seja, da nossa totalidade, não há delimitadores a separar os diversos campos da vida – a vida é em si uma totalidade. Nossa ética não é, dessa maneira, uma ética para os outros, mas uma ética para nós mesmos, que procuramos nos enxergar e que sabemos que entre nós e nós não há espaços vazios, mas instantes que precisam ser preenchidos pela consciência.

A pedra é a radical experiência da existência em sua máxima possibilidade de expansão e autoconsciência. Imagine um cérebro que consegue controlar conscientemente todas as funções vitais, inclusive aquelas que hoje são feitas pelo sistema nervoso autônomo, mas não transformando essas funções em processos de raciocínio e sim transformando o cérebro em algo intuitivo, instintivo, de modo que mesmo as menores funções fossem perpassadas pela consciência, inclusive as funções sexuais? A radical possibilidade de elevar a sexualidade a uma alta consciência de si que a inseriria assim na busca de sentido, onde hoje ela atua como válvula de escape e não como catalisadora

Assim, a escrita contém a própria vida – sonhos, murmúrios, pensamentos, respiros, júbilos, assim como a experiência da totalidade da vida é impossível de ser reproduzida, só

os fragmentos tornam possíveis dar uma mostra da complexidade da existência, mesmo que seja num segundo.

XX

Quando abri os olhos a luz vinha de baixo, como se o sol brilhasse no meio do abismo. Fui eu que a fixei para ti, essa luz que repousa na tranquilidade atemporal da existência; é teu espaço interior que está em trevas, de maneira que a luz do ser parece emergir do abismo, porque teu céu está tomado pelas trevas da materialidade da mente.

A luz assemelha-se a um ovo cuja casca eram estrelas, que começavam a romper aqui e ali, e a luz era o infante cósmico que quebrava a crosta na ânsia de sair no primeiro voo, luz alada, luz sidérea.

XXI

Às vezes temos sonhos que deveriam ser infindáveis, onde alguns lugares são repositórios do paraíso; sonhei que achava uma estrada ladeada pela mais verde grama e a estrada seguia até o céu. Ela parecia infindável e se prolongava tanto que numa curva subia ao céu. De início era somente uma longa reta, mas de tão longa se prolongava no espaço. Estávamos livres da gravidade, ela e eu, como se fôssemos pedras suspensas no espaço. A liberdade era então esse flutuar livre, estar sem nada, sem preocupações, sem gestos, sem face, sem peso, número anônimo, chama que flutua à espera de um novo nome.

XXII

Um dia, no lugar mais distante, avistaram um falcão. Ele vinha de além mar, e as gentes do lugar interpretaram aquilo como um presságio, o que fato era, só não como o imaginado: uns achavam que o falcão anunciava a chegada de invasores, outros, que anunciava o nascimento de alguém muito importante, que libertaria as pessoas da opressão; o falcão anunciava prodígios, mas o que se anunciava era de outra natureza, que quase ninguém foi capaz de decifrar.

Havia na cidade um poeta, que vivia solitário a ler estrelas, e que foi o único a interpretar de maneira correta o prodígio, pois havia antiga profecia, de poucos conhecida, que dizia: “ Quando o falcão chegar de além do mar, é hora do tempo mudar.” O poeta, cujo nome era Zenão de Tarsis, só não sabia se as transformações anunciavam o fim dos tempos, a completa transformação das coisas, a emergência de novas terras ou todas as coisas ao mesmo tempo.

O falcão ficara a vagar pelo cais, e todos os dias Zenão ia vê-lo, até que um dia, extenuado, o falcão caiu. Zenão correu a socorrê-lo, antes que alguém o pegasse e o matasse, por acidente ou arbítrio.

Na torre que era sua morada Zenão picou pequenos pedaços de carne e deu ao falcão: por um instante ele pareceu recuperar as forças, mas logo adormeceu; no segundo dia tudo se repetiu: o falcão se alimentou e depois adormeceu, e assim foi dia após dia, até que no sétimo dia, quando as estrelas estavam no alto do céu e a luz brilhava com face de bebê, Zenão contemplava absorto os astros quando ouviu uma voz atrás de si:

- Foi atrás de ti que eu vim.

Zenão olhou para trás e lá estava o falcão e sua voz era a voz de um jovem que já viveu muito: tinha em si um pouco de cansaço e muito de sabedoria e pousado na janela olhava Zenão esperando uma resposta.

- De mim? Mas e a profecia?

- As coisas não se excluem, Zenão. Quantas vezes contemplando os astros por essa janela tu pedistes aos deuses que te dessem respostas, que amenizassem tua solidão? Sou para ti um vento de respostas, mas a água que trago é salgada, comigo tua sede aumentará, mas também o brilho de teu olhar.

- Sim, tenho tantas perguntas, mas agora estou velho e muito já não posso retomar. Por que demorastes tanto?

- Demorar? Foi ontem que escutamos teus chamados, que te vimos esquadrinhar as estrelas com vara e olhar sedento. Mas por que te dizes velho? Aqueles que conhecem a estrada dos deuses têm para si abertas as portas da juventude. Tu sabes da grande obra e detém o segredo da pedra, o que te falta?

- Sim, sim, outros são os dias dos deuses; tanto faz que perguntei aos deuses o valor e a razão da obra... sei que nós humanos estamos imersos na grande ordem universal, que a tudo rege e a tudo mantém, e a grande obra abre-nos as portas dos deuses, para como deuses participarmos do jogo cósmico, da simetria que une galáxias e teias de aranha, redemoinhos e constelações; o que me esmaga é o peso da solidão. Somos pequenos e solitários, nuvens de sentido escapam de nossas mãos, mas quanto mais longe vamos, mais estamos sós. Além do quê, falta-me o atanor, falta-me companhia.

- Oh Zenão, queres chegar com o intelecto onde até os deuses emudecem? Perguntas por acaso a Shu e Tefnut qual a razão do começo? Perguntas ao pai Geb porque fecundou a mãe espaço? Perguntas a tuas células por que vivem? Poeta, poeta, por que renegas a poesia? Os mais profundos sentidos não são inteligíveis, mas perceptíveis. Deixa-te calar a razão e navegas pelo mar da poesia, isso não te bastas? Não vês que já

saístes do ramerrão da vida cotidiana, que por questionares a morte pode agora entendê-la, e quem sabe um dia vencê-la? Bilhões de pessoas vivem adormecidas, não sabem nem o quando nem o porquê de suas existências, muitas vezes oram para deuses inexistentes e são incapazes de olharem para dentro de si mesmas e enxergarem em si a grandeza e tu tens em tuas mãos as chaves que abrem as portas de dentro, e mesmo assim te lamentas, reclamas? Preferes a solidariedade das formigas e dos grãos de areia à solidão dos deuses? Pensa bem Zenão, para ti o tempo ainda não morderá sua cauda. Logo encontrarás o amor e saberás que o rosto dele é simétrico ao teu coração.

- Terei outra ou outras vidas para continuar a obra?

- Terás outras mortes, Zenão, até que de ti não reste mais nada – nem dor, nem medo, nem apego, até que sejas somente uma ferida aberta pronta para bombear o leite do mar.

- É possível dar asas à pedra?

- Darás asas a ti mesmo, mas é a pedra quem choca o ovo. Cheio de corpos, cheio de asas, poderás te deslocar por qualquer lugar do cosmos, saberás da boca dos deuses o perfume da maçã, da saliva da deusa colherás os frutos do amor, da matéria negra atiçarás carvões pelo cosmos, saberás das ilhas que sonhava em teus poemas.

- Quando virá o atanor?

- Depende de ti. Quando esqueceres, ele chegará. O amor vem quando não esperamos. A face do amor é a eterna surpresa.

- Por que viestes até mim?

- Para que não se abalassem os fundamentos do mundo. Diz a antiga profecia: “quando o falcão chegar de além mar, é hora do tempo mudar”, vim pelos que têm os olhos abertos, não pelos que dormem, outros virão pelos que dormem. Vim pelos que têm insônia, vim pelos que celebram, vim por aqueles que abandonaram suas máscaras, vim por aqueles que dançam tendo na mão um compasso. Outra vez também fiz perguntas aos deuses – eu mesmo um deus, e Heliópolis, em Abidos, em Busiris, em Naref, filho de Ísis, filho de Osíris, sob o nome de meu pai.

E Zenão se ajoelhou, pois tinha diante de si o próprio deus Hórus, cujo olho flamejante queima as sementes de Seth.

Toda a torre foi iluminada por um brilho intenso, como se o sol e a lua houvessem descido à morada de Zenão e as pessoas do lugar viram arrebatadas um pequeno sol sair pela janela e depois tudo se acalmou.

Quando amanheceu, descobriram que Zenão estava morto.

Morrera sorrindo.

XXIII

Pense em mim como um raio que atravessa teu olhar
ostra cuja pérola é o amor que te entrego inteiro
pronto a se queimar no sol
a ressurgir, transbordar
minha memória é rio que corre para o futuro
cão ferido no rastro da esperança
vi deuses noite e dia, conversei com anjos
lutei revoluções
fui irmão de Ulisses na caverna do cíclope
tudo
para abrir os olhos de minha face esquerda
mudar os nomes
filho da floresta, flecha de versos me chamo
as mãos, limpas
o sangue que escorre é das palavras
as rugas, de jaspe e obsidiana
tanto te esperei
passageiro espacial revirando cosmos atrás de ti
de estrela em estrela perguntando teus nomes
decifrando tuas pegadas
agora estou aqui
carregado de sinais
eletrificado de sonhos
faça de mim tua pedra
em tua pedra tua casa
entrai com a mansidão dos peixes
sou eu quem te espera
segurando horizontes

XXIV

Audacioso esse céu, audaciosa essa terra, por participarem do corpo do deus; e não por um instante, e não por um dizer, mas pelo coração real das coisas, que a tudo engendra, que a tudo engloba numa única e só face. Nossas mãos são lumiares, nossas pernas são

candeias, nossos braços cataventos que se movem com o vento das estrelas, quando caminhamos atrás de comunhão. Só assim rompemos a mudez das coisas, maravilhosa terra, maravilhoso céu, falam com a dureza de diamantes o que a língua abençoa, somos todos maravilhosas peças de xadrez numa partida em que se joga hoje, sempre e nunca mais.

XXV

A água é luz líquida.

Quando bebemos água bebemos luz.

A água nada esconde, porque não tem o que esconder. O seu amor é aparente, mas tão sutil que nada transparece.

O que une o hidrogênio e o oxigênio é o fogo. Sem ele em perpétuo movimento e combustão, a água seria impossível.

Então, a água também é fogo líquido, dos mais sutis.

Mesmo transparente, água é amálgama.

Onde a água se forja? A água se forja nas entranhas da terra, mesma a água das chuvas é somente a exsudação dessa água interior.

Cada água tem um nome, cada fonte um sabor.

A água a tudo dissolve e guarda dentro de si, como mãe que cresce e transborda.

A água não se guarda, a todos se dá sem medo, descendo a montanha, brotando do chão humilde como pedra, caindo radiante como chuva de verão, a todos ama, espera de todos o abraço que ela dá no gamo que bebe no regato, no pombo que se banha na sarjeta, na terra que se embriaga, se encharca, no verme que desliza na poça, no polvo que vaga no plenilúnio, ceu abraço é doce mar estreitando o amor.

A água não grita, murmura.

A água não gargalha, sussurra.

A água entra pelas frestas, pelas entranhas, limpa o sangue, ativa a medula, banha a serpente, ela mesma água transparente.

A água é luz líquida.

Bendita seja a água que habita em nós, que brota da pedra, limpa a esfera e move nossa memória do futuro.

XXVI

A arte cria territórios, espaços imaginários, ou então abre as portas do espaço que

há em nós. Dentro de nós o ilimitado, tão vasto acima abaixo, tornado e tufões, vaga-lumes e sépias, estrelas que se devoram e infinitos que se fecham, tudo nesse espaço que nós somos, tão vastos os sonhos de acordar.

Precisamos de chaves – a pedra fornece as chaves do céu; chave de pedra, chave de soma, chaves do mais precioso elixir. A arte alquímica tempera a consciência no fogo. Rigorosos são os caminhos que nos levam até essas chaves. A cada refinamento do ser as portas se estreitam, mas o elixir dessa consciência refinada é uma chave do tamanho: diminuímos ou crescemos conforme nossa necessidade interior. Mas não só alegoricamente: num dado plano, como diria Breton, o alto e o baixo não se diferenciam mais, não há dentro ou fora, longe ou perto, nossa cabeça de Janus enxerga todas as direções no mesmo instante com olhos que circulam.

A borboleta nos lábios do gato indica a alma prestes a voar. Da combustão ao ar a alma cresce.

III

I

Conferir ao pensar a primazia do existir (*Cogito, ergo sum*) com o fez Descartes, é diminuir a razão da existência; o pensar não é a primeira, mas uma das últimas operações levada a cabo dentro do ser, e o pensar consciente é, quiçá, a última. O ser possui operações muito mais complexas que o pensar: em sua naturalidade, emoções, julgamentos, valorações, instintos e pensamentos estão imbrincados de tal maneira que não é possível separá-los – essa continuidade é a garantia da existência do próprio ser, sua integridade. Um pensamento que se reconhece como superior às outras instâncias do ser é ele mesmo a garantia de sua fraqueza. A sentença de Descartes é punitiva: o ser que se deixa dominar pelo pensar está a caminho de sua morte.

II

A reflexão alquímica movimenta todas as forças do ser; é preciso sentimento, instinto, vontade e razão na construção do texto alquímico, pois seu objeto é a totalidade e a totalidade escapa ao mero pensar. Ainda que a analogia desespere aos aristotélicos-cartesianos, é possível estender cadeias infindáveis de analogias que tornam clara nossa relação com o todo. Assim como investigamos nosso corpo e nele encontramos trilhões de criaturas – todo um universo – vivendo nele, assim somos nós e outros vivendo sobre os planetas e também os planetas – em outra ordem de mundos, e assim por diante. O infinito estende-se em todas as direções. Não há porque se desesperar, não há limites no mundo. Acima e abaixo são infindáveis e uma imperiosa necessidade mantém a coesão do universo, mas a beleza está entranhada à necessidade como seu avesso. O alquimista destece a trama da criação e separa os fios da beleza dos da necessidade, para compor um outro mundo só com a beleza e esse mundo é fruto da liberdade.

Do sexo, a que o vulgo fica aprisionado no terrível jugo da necessidade, o alquimista, movido pelo amor e pela vontade, utiliza-se do próprio esperma para tornar-se anjo, no lugar de simplesmente gerar filhos: a chave é não ejacular, sublimar o desejo e a energia, e a energia sublimada dará origem a novos corpos dentro do homem. Esse é o *modus operandi* alquímico e a arte alquímica consiste em manter e transformar essa chama ao mesmo tempo em que nos transformamos psiquicamente. Como amar e reconhecer o outro

sem abandonar o ego? E como praticar o grande arcano sexual sem o amor? Ignorantes há que acham que esse processo é mecânico, e que podem praticá-los com vários parceiros: vã cegueira, pura tolice. O grande arcano é também a realização da unidade amorosa: quando homem e mulher estão unidos se forma o andrógino platônico. Mais que um andrógino temporário de carne, o que se busca é o andrógino espiritual, a fusão perfeita entre as essências do homem e da mulher. Tal fusão não é possível sem o amor e a própria natureza se encarrega de separar aquelas almas que não conseguiram se realizar no amor. O mistério das almas gêmeas não é o de sua predestinação supraterrena, mas sua realização terrena. O empenho em realizar o amor, a boa vontade em abrir mão do ego, a reciprocidade e a humildade unem os corações, porque o amor não está pronto, mas sempre por fazer. Nada está realizado, mas tudo por realizar. A moral e os preconceitos não são guias para a realização amorosa alquímica.

Amo, ergo sum, essa é a divisa alquímica.

Aqui as portas estão abertas.

III

Alguns julgarão que a divisa alquímica implica em fraqueza e na anulação do indivíduo; quem assim o julga o faz erroneamente e toma como parâmetro os valores egoístas da presente sociedade.

Na verdade, não há realização do ser sem o outro. Auto-suficiência não significa realização. Alguns compreendem muito mal a questão da autossuficiência: vivemos interligados e inter-relacionados, não somos seres do isolamento, temos que encontrar nossos pares: um coelho procurará coelhos, um leão, leões, um alquimista, alquimistas, é a lei natural.

Mas quando se trata da realização mais íntima, precisamos do outro que seja nosso avesso simétrico, alguém que nos complete na justa e inversa proporção, de modo que um não imagine viver sem o outro, não por depender dele, mas porque o outro é a metade que lhe falta, o horizonte que lhe completa: um é a terra, o outro é o céu e juntos formam a esfera.

Pensar no amor significa também pensar em soluções e aspirações coletivas, pensar nos outros, querer para os outros o mesmo cadinho de alegria e prazer, lutar com os outros para que o mundo tenha uma face justa: o socialismo é uma aspiração alquímica. A sociedade capitalista é a do desequilíbrio e da entropia. Uma sociedade socialista será a da harmonia alquímica, com os bens socializados ao alcance de todos – mas é preciso que o ‘todo’ também queira e lute por harmonia.

Amo, logo existo: isso não nos torna menor por esperar o amor. Quando ele chega,

1+1=1 e é essa magia que torna a vida doce.

IV

Beijo os lábios dos leões e das profundezas clamo por ti. O fogo aquece a areia e logo minha língua transparece, cristal que te nomeia, vinho que te embala. Estou aqui no tempo, vinde, te esperarei no centro da cidade, te esperarei nas páginas dos poemas incompletos, te esperarei no cruzamento das órbitas dos sonhos. Meu nome te soará familiar, os dedos das facas de obsidiana separarão as arestas, se preciso, dobrarão as ruas para que nos encontremos. Te conjuro na presença do fogo, acordai, vem, pois minha mão é uma chama de paisagens e meus dedos reviram conchas buscando tua face.

V

O espírito de Deus só está ligado à fonte da qual ele emana; nós somos somente parte da manifestação de Deus enquanto fenômeno.

VI

A *prima face* está na água. Não distingo mais que água, porque todas são sublimações da água primordial, sobre a qual os deuses repousavam em neblina contemplando o rosto da mãe e vendo a si mesmos. Nossa *prima face* é recordação da gota que fomos no rosto da mãe, quando os deuses sonhavam em acordar.

A mãe era o mar, os deuses a neblina que dele surgia.

VII

Depois veio o *Adam Kadmon*, o homem primordial, primitivo, cheio de possibilidades não exploradas, um germe potencial da futura humanidade que não chegou a se desenvolver.

Todos nós trazemos o *Adam Kadmon* dentro: somos seres primitivos e é esse primitivismo que nos salva da idiotia, da apatia e da mecanicidade.

Para chegar ao *Adam Kadmon* é preciso romper com a consciência egóica, é preciso quebrar a crosta do ego para que possamos chegar a essa interioridade não explorada que o *Adam Kadmon* é. Sua imagem está em germe; mas como *imago*, já está completa. Somos como um filme de muitas camadas, uma floresta onde estão castelos, duendes, fadas, princesas, leões e cavaleiros que nunca se encontraram e o sêmen transformado é a alavanca que derruba as portas invisíveis que separam os seres da floresta; no centro da floresta está o *Sancta Sanctorum*, onde o nome de Deus pode ser pronunciado, a câmara de cortinas azuis e letras douradas, cujas altas colunas elevam o nome de Deus, que de

longe até o vulgo pode ver, mas não enxergar.

É difícil colocar no papel algo que foge à lógica da espacialidade ou da temporalidade: há ações do ser que não sei como cabem em nós: somos apegados ao *antes* e *depois*, mas o ser existe como um fluxo que vai em todas as direções e não somente adiante ou atrás, acima ou abaixo; ah, somos tão pequenos, como podem os deuses caberem dentro de nós? Como podemos ter em nós tanto fogo e tanta água, se somos tanto barro e neve? Mas o barro vermelho e a neve branca não são também nomes dos numes divinos?

VIII

Nossa relação com a natureza é de milênios; não falo de nós enquanto coletividade, mas enquanto indivíduos, enquanto essências, animas, que saíram da própria natureza e que com ela manterão laços secretos ao longo de vidas diversas. Essa solidariedade humano-natureza pode ser traduzida, na maior parte das vezes, numa solidariedade humano-animal, que tantas vezes aparece nos cultos totêmicos. Quando éramos mônadas no puro reino, vivíamos solidários e irmanados. O ingresso no mundo humano representou também o ingresso no reino da solidão.

Mas o ser é multiplicidade na unidade: somos compostos de muitas faces, tantos rostos com a mesma singularidade de terem o mesmo olhar do ser e um desses rostos é o nosso rosto animal, nossa visceralidade metafísica com a natureza que um dia nos engendrou.

Para alcançar a pedra é preciso resgatar nossa animalidade ancestral, pois ela nos guiará em direção às operações de encontro à pedra, da sublimação à calcinação, pois às vezes nossa natureza humana hesita e é preciso recorrer à força, à pulsão de uma natureza pura, latente, não transformada, a natureza em seu desejo original de avanço, de expansão, de libertar-se, ir além dos limites.

Cabe a cada um ficar atento a descobrir qual o animal que expressa essa condição do ser, qual animal é a expressão dessa ancestralidade oculta, que expressa o liame com o natural e a pulsão do ser. Não é necessário que seja um animal do presente, quer dizer, um animal presente na fauna da geografia da nossa presente existência. Pois a marca dessa solidariedade ancestral pode remeter às existências mais distantes, quando por uma ou outra razão uma experiência determinante nos irmanou a algum animal.

Muitas vezes ele aparece nos momentos de perigo, quando fraquejamos nesse duro caminho. Como o leão de Sir Owain, a onça de Severino Andaluz, o cachorro de Fausto; nós, na nossa contemporaneidade esvaziada de símbolos, precisamos ficar atentos ao que nos aparece nos sonhos: é através dos sonhos que nosso ser se expressa e muitas vezes

grita com voz animal querendo nos tirar do sono profundo do sem sentido. Mais ainda quando nos engajamos em buscar a pedra, realizá-la, sublimar nossa pedra líquida e com ela erguer castelos de fogo onde, na câmara secreta o ser repousará com sua alma, tendo a seus pés o animal sagrado, o companheiro de jornada, nosso irmão, ser que na aurora dos tempos deixou em nós sua pegada espiritual.

IX

A Pedra da Loucura

Está em Bosch, e creio que em também em Brueghel, a representação da *pedra da loucura*. O quadro que me vem à memória acho que é de Brueghel, e retrata o momento em que os médicos retiram a *pedra da loucura* da cabeça de alguém, curando-o da loucura.

Durante algum tempo – conta-nos Foucault na *História da Loucura na Idade Clássica* – praticou-se esse tipo de medicina sugestiva, onde os médicos simulavam uma cirurgia onde se retirava a loucura da cabeça dos doentes na forma de uma pedra – a pedra que eles mesmos haviam levado para dar verossimilhança à simulação. Pois era crença da parte dos loucos que o que lhe causava a loucura era uma pedra que estava em suas cabeças. Mas porque uma pedra? Os médicos tentavam a cura extraindo – simulada e magicamente – a pedra da loucura, e o procedimento médico já acusa a loucura própria dos médicos: ao tentar extrair a pedra da loucura os médicos caíram no mesmo erro dos paranóicos – de tomar o simbólico pelo literal, a metáfora pela sua materialização.

Pois a pedra da loucura é matéria poética, é pensamento simbólico: o que exatamente queriam expressar? Que suas mentes se tornara rígida como uma pedra e daí a loucura – essa dureza ao enxergar as coisas? Ou, ao contrário, a loucura era a saúde e a *pedra da loucura* a representação do equilíbrio interior frente às agressões do mundo exterior, sendo o gesto desesperado de pedir que tirassem a 'pedra' a cessão que a persona faria para se adaptar ao mundo social?

Acho que ambas as coisas: a pedra está em nós como imagem primordial do fundamento, da estabilidade das forças do ser que, desorganizadas pela queda na razão – precisam ser reagrupadas, reordenadas, reencontradas. Mas no jogo cósmico, transitamos o tempo todo entre o simbólico e o literal, entre a raiz mística e a necessidade mais prosaica, e a fixação – endurecimento – em um ou outro discurso, entre uma e outra compreensão do mundo, nos leva à loucura, ao enrijecimento, à incapacidade de manter a fluidez entre ambos – a pedra como elemento negativo.

Na verdade, o mundo social exige de nós a fixação no literal, no prosaico e adoecemos porque dentro de nós queremos relações cósmicas, sabemos que a

normalidade é a morte da alma, que a normalidade é a matemática do desespero e do vazio.

Outras vezes nossa dificuldade é fixarmo-nos, pararmos de planar – é preciso que Saturno corte os pés de Mercúrio para que ele possa ter uma existência cotidiana – pague as contas, vá à escola, trabalhe, exista.

Há correlações entre a pedra da loucura e a pedra alquímica? Todas as correlações possíveis. A organização imagética e discursiva em torno do símbolo tem a ver com a constante de certos valores próprios à imagem: a pedra é símbolo de duração, estabilidade, solidez (*...sobre esta pedra erguerei minha igreja*), e ao mesmo tempo foi vista como pedra mágica, como no *Parsifal* de Wolfram Von Eschembach, ou como pedra caída do céu – meteoritos – de onde se fabricavam armas mágicas – machados líticos – e às vezes representava deuses – como a Afrodite de Pafos e a Deusa Mãe de Pessinute, que foi levada para Roma, representadas por pedras caídas do céu. Outras vezes a pedra representa o obstáculo (*rocha de tropeço, pedra de escândalo, pedra no meio do caminho*), ou o que pesa, paralisa. Também a matéria bruta, a pedra que precisa ser talhada, polida, cinzelada.

A pedra da loucura é o obstáculo, o que pesa e paralisa. Mas nossa pedra também é assim. Enquanto pedra bruta ela é o puro desejo – um espinho na carne nos chamando para o banquete sem compromissos da natureza – é um obstáculo em direção ao universo mais elevado que o alquimista almeja, onde a natureza seja superada pela própria natureza; mas ao girá-la em alta velocidade, começamos a cinzelá-la, a convertê-la em pedra cúbica, o fundamento para erguer o fundamento livre do nosso ser. De obstáculo se converte em fundamento, de *pedra da loucura* à *pedra do esplendor*.

Porque no fundo o desejo do alquimista e o desejo dos loucos é o mesmo: acabar com a fronteira entre os mundos, abrir um caminho ente lá e cá, entre a pedra do caminho e a rocha do templo, de modo que a pedra saia da cabeça e fique sob os pés – como garantia para o caminhar.

X

Coragem é uma palavra de obsidiana e é preciso tê-la quando se tem o mar nos testículos.

XI

Tal como é em cima é em baixo: a representação dos canais ida e pingalá entrelaçados em torno do sushuná lembra a espiral do DNA; nas escrituras védicas, ida, pingalá e sushuná são os canais por onde circulam as principais energias sutis do homem

– por idá circulam os átomos solares (energia positiva), em pingalá os átomos lunares (energia negativa); idá está ligado à narina direita e ao testículo esquerdo; pingalá à narina esquerda e ao testículo direito. Através do maithuna as energias de idá e pingalá fazem contato e por indução elétrica acordam a kundalini, a energia que circulará por sushuná, o canal central que atravessa a coluna vertebral.

A imagem dos canais entrelaçados em torno de sushuná lembra a espiral do DNA. Se a natureza emula a natureza, é provável que haja uma estrutura central – um eixo vertical – na espiral do DNA, que ainda não foi descoberto.

Faz sentido, porque assim a lógica dialética da tripla força se manifestaria na estrutura da própria vida: afirmação-negação-síntese, o que conferiria ao DNA um caráter dinâmico e não estático, bem mais sujeito às mudanças do que o que se pode imaginar.

XII

O Mar nos Testículos

Em cima o céu
Embaixo as águas do primeiro instante
Rios que se agitam entre beijos
Colunas que se erguem no mar salgado
Torvelinhos em stacato
Ondas e pérolas
Na penumbra do amor
O céu abraça a mãe oceano
Com voz de constelação
Crava nas águas
Nas vulvas sedentas
A âncora do aurora
A música das águas
É um enorme sussurro
Anunciando a terra
Que sairá de suas ancas
Cada gota, cada peixe
Que se anuncia em curvaturas líquidas
É nome a se guardar
Corais têm consoantes, conchas têm vogais
Que a maré mistura

Assim como embaixo em cima
Nomes se confundem
Há mares no cérebro, céus nos testículos
Somos testemunhos de que a morte é mentira
No abraço profundo
Meu lingam toca o céu de tua vulva
Amanhecemos em Shamballa.

XIII

O deus do labirinto não quer sangue
A pedra precisa ser regada
Com o sêmen interior
O deus do labirinto não quer dor
Dor é o que a mente sente
Ao perder-se em si mesma
O deus do labirinto quer dançar
Compassos hipnóticos, coreografias estranhas
Que tragam à tona o monstro
Que precisa morrer
No centro do labirinto vige a pedra
Escada-altar
O deus do labirinto quer voar.

XIV

A arena do sexo comum é uma montanha de Sísifo; nunca chegamos a lugar nenhum porque nossa pedra está sempre a rolar montanha abaixo. O que é preciso para fazer a pedra subir a montanha? E ao chegarmos ao cimo, o que fazemos, transformamos a pedra num altar para consagrar o fogo? O que é preciso para tal ?

Sísifo precisa de companhia. A pedra só desce pela montanha porque não há uma companheira que o ampare e o ajude nos transes mais difíceis, isso porque Sísifo é um egoísta e não percebe que a pedra só se torna um fardo quando queremos provar algo no lugar de simplesmente amar. Eternidade após eternidade há uma pedra a rolar? Então é preciso uma paciência infinita e um amor na mesma proporção, para que o sexo não caia na rotina da pedra que sempre rola abaixo.

Mas é preciso também que os deuses tenham compaixão, pois nascemos e crescemos e a única coisa que vemos é uma pedra a rolar, qual areia que o vento leva ou água que escorre entre as mãos: não vemos horizontes, nem o espaço cósmico, nem o tempo em que os deuses deliram: à nossa frente, uma pedra escorregadia, que insiste em descer ladeira abaixo e fechar nossos olhos.

XV

De Como Burlar o Diabo

O fogo precisa do diabo: a chama não se atiça se não há o sabor proibido da transgressão. O diabo é a mão que atiça a pederneira, mas depois da pedra inflamada, o ser é o vento que atiça ou apaga o fogo. O diabo é a coroa da moeda do ser. Quando o fogo transborda o peixe desliza pela onda, escorrega entre as pedras, avança, avança como quem rompe a barreira do som sem que haja barreira.

Mas o diabo não sabe quando parar: ele é o fogo que devasta florestas, que incendeia o som, por ele queimaria a galáxia: então o amor, o amor desarma os astros e o fogo aninha-se nos braços d'água, esquecendo a infâmia dos dias tristes, procurando a salvação do fogo e de todos a que o fogo queimou.

Sherazade na floresta incendiada, o amor invoca a chuva dançando uma melodia triste; o fogo derviche cirandeia o amor, agarra sua cintura de alga: ela escapa pelo rio, ele cruza o rio numa balsa e a consuma – na outra margem já está menor. Ela disfarça-se de pedra na fonte, ele dorme aos seus pés esperando que seus olhos se movam na água. De tanto esperar, dulcifica-se: Shammat domina Enkidu.

O diabo é inocente. O mal vem dos governantes.

Ao diabo, damos o infinito numa caixa de fósforos.

XVI

Muitos viajam a procurar o elixir da imortalidade, vão para terras distantes de nomes exóticos, procuram velhos compêndios, para depois descobrirem que os compêndios falam de outros livros, que falam de outros e outros que possuíam a fórmula secreta, mas sempre se referem ao passado, nunca ao presente, como se a imortalidade fosse uma dádiva antiga e inatingível. E a viagem termina como uma canção triste: na bagagem, no lugar do elixir da imortalidade, comida para os animais da paixão, que a espera e busca pelo elixir deixara-os em suspensão.

Mal sabem eles que não é preciso viajar para encontrarem o elixir da imortalidade: todos os ingredientes para o elixir encontram-se em casa. Seus nomes antigos podem soar exóticos, mas de fatos são simples sais e extratos que qualquer cozinha possui: ora, aquele

que tiver saber entenderá – há casas e casas – não é preciso viajar e buscar fora aquilo que temos dentro. O elixir da imortalidade está em nós. A maneira como vamos combinar os diferentes extratos no nosso interior é uma lição que temos de aprender.

XVII

A terra é uma mãe de muitos nomes, a mãe é esse mar de muitas eras. Casa e substrato, elixir e pedra: tudo é terra – os olhos abertos, a águia que voa, a garra do lagarto, os ovos dos insetos, o cogumelo guarda-chuva, o oco do bambu, a semente que se derrete, se esfacela, morre e germina – a sílica, o húmus, o vento, o sol, a planta reverberando luz, as raízes bebendo água, o fruto comunhão de esferas, gestos, esperanças, as mãos dadas dos muitos, tecido de ilusões-maya.

Terra é soma: fogo, água, ebulição, cheiros e acertos, necessidade e soma que se bebe para tornar o dia digno, embriaguez de planeta em rotação, estamos todos juntos – para ser imortal é preciso abrir os olhos, ter a ferida das pedras, o cabelo de fogo de pederneira, os olhos de cenotes, as unhas de cristal, fabricar da lava maleável dos testículos um horizonte inteiro; para ser imortal é preciso que o elixir circule da pedra ao sangue, pois a imortalidade é um sonho da terra – no ventre da terra somos filhos do sol.

XVII

O Camelo Branco

A imagem é diferente, pode-se dizer mesmo que estranha: um camelo branco – de uma brancura de neve; entenda-se: não se trata de um camelo albino, mas de um camelo branco, com os naturais dos camelos – grandes glóbulos negros encimados por enormes cílios – e uma pelagem branca de neve. Digo de um camelo de Bactriana – o clássico camelo com duas corcovas – e parece-me que esse camelo é um estádio intermediário da transmutação nietzschiana.

Só para lembrar: em um dos discursos de Zaratustra, ele fala das três transmutações: de como o espírito se transforma em camelo,o camelo em leão e o leão em criança. Zaratustra fala do *espírito forte e de carga – respeitoso -, cuja força clama por coisas pesadas* – e Zaratustra fala daquilo que é pesado; o que isso revela? Uma vontade de se por à prova no fogo mais duro, forjar a si mesmo numa fornalha para metais mais duros que o aço? Gastar a própria força, exercitar a potência, desenvolver o auto domínio até chegar ao espírito da liberdade?

Porque as tantas cargas e tantos pesos levam o espírito ao deserto – o espírito é o

camelo resistente a todas as solidões, resistente ao não e ao sim, indiferente ao que não venha da música que se espera ouvir; atentos aos sinais do tempo mas também indiferente aos que guiam camelos, indiferentes aos homens, indiferentes aos pássaros fugazes, indiferentes à neblina e ao sal. Mas a verdade, tão estimada pelo camelo, não virá sob a forma do dever, sob a qual o camelo se abriga. Sim, de certa forma, o dever é uma sombra para aqueles que arrastam o sol em si e que querem esconder-se de si mesmos e querem uma norma como um peso para os pés, e querem uma medida como óculos e querem leis como um esquadro para o caminhar, pois temem ao próprio sol e temem suas asas, seus fogos, seus olhos gigantes de fênix, seu olhar de mel – temem o próprio perfume e a própria força, tais gigantes em Liliputh.

Mas o dever acaba excessivo para quem tem as veias cheias de som – e um dia, andando sozinho pela estrada íngreme, que leva ao alto da colina, ele olha e vê o camelo – branco como a promessa de uma criança – e ele espera na beira do deserto – e um cão o acua empurrando-o em direção às dunas, como se dissesse como é urgente a travessia – e então ele entende – sozinho no meio da estrada – que é preciso o camelo branco antes do leão – pois não é a força que derrotará o "tu deves", o dragão espinhoso – mas o esquecimento e a inocência – a força é o resultado da alegria aplicada livremente – o camelo branco silenciará o dragão para que o leão o mate e a criança transformará o leão num leão alado.

Nada vem tão de repente: o que pedia peso ficou leve; o que imergiu na sujeira se purificou; o que se privou, de tanta sede, teve água em abundância; o que era marrom ficou branco. Como as águas de rios que se cruzam lentamente e aos poucos dão-se as mãos de água e navegam em silêncio até serem um só rio. O branco é a transmutação do marrom.

Longo caminho para achar a si mesmo e treinar a própria força, até que ela se curve ao gesto da mão e à palavra apaziguadora. A potência humana vai muito além das bombas de hidrogênio. O que queremos é emular o sol.

O camelo branco traz o sol sobre si, que ele entregará ao leão.

XIX

Não importa o tempo, não importa o certo e o errado dos homens, não importa o medo, nem as esferas de bronze do sucesso, a única coisa que vale à pena é achar o caminho, a via que nossos pés devem trilhar, e aqueles companheiros de jornada, que na solidão enviam sinais e dizem: estamos aqui.

Não importa o quão difícil é atravessar os mares – furiosos ou tranquilos - pacificar amazonas, encarar ciclopes – tudo é caminhar. O caminho é móvel – serpente de areia que

se arrasta, se enrosca e se distende no fogo – nossos pés são navegantes bailarinos no dorso da serpente.

É preciso navegar a serpente, tantas vezes até alcançar o sol: está ali com seus olhos de mel acordando o dia, esperando que estendamos as mãos sem medo de nos queimarmos.

Não importa se as eternidades virão e sairão apressadas, nos encontraremos além da eternidade, em lugares sem pressa no meio do espaço, em lugares sem medo, nomes, identidades. Caminhantes que somos, saímos de braços dados do omeyoacan e retornaremos, cheios de lembranças e esquecimentos.

O que importa é seguir em frente.

O que importa é cruzar o mar.

O que importa é seguir o amor.

XX

Da criança é desejada a inocência, do adulto a autonomia. Nenhuma obra se completa sem a vontade de engendrar novas possibilidades, sem a força para resistir aos entraves espaciais e temporais que se interpõem entre nós e a realização. E só a autonomia dos adultos permite seguir lutando contra os obstáculos.

Das crianças a leveza, o coração tranquilo; do adulto, a continuidade. O mundo seria incompleto se os deuses fossem somente crianças, largariam a obra no meio, cansados da completude. Certo que o mundo nunca se completa: ele está sempre em construção, sempre por acabar. Mas é o lado adulto dos deuses quem leva a cabo a obra.

Das crianças, a pureza do esquecimento; dos adultos, a fortaleza da memória. Sem ego, as crianças se aventuram sempre, porque a inocência traz o esquecimento que permite a ação e novas descobertas. A memória – direcionada pelo ser – permite que recomecemos – com a consciência dos limites e das superações necessárias.

Da criança, o riso solto, espontâneo; dos adultos, as lágrimas quentes. O riso é a expansão, a vibração uníssona de sintonia que a criança sente entre o dentro e o fora, a alegria da descoberta e o jorro da própria vida que a si contempla com satisfação. As lágrimas quentes, o choro real indicam a dor ou a alegria profundas: a dor profunda é a sensação real da ruptura com o mundo, da ruptura entre o dentro e o fora, da sensação de incompletude que nossa pequenez nos dá, nossa solidão primordial, a dor que pode nos levar à mudança, assim como a alegria profunda é a sensação da unidade reencontrada, seja nas pequenas ou nas grandes coisas, seja dentro ou fora, no espaço ou no tempo.

O adepto é uma mescla de criança e adulto e mesmo quando encontra a eterna

juventude, seu olhar possui a gravidade das crianças, a seriedade de quem brinca com a urgência que toda brincadeira tem, ao mesmo tempo possui toda a leveza dos adultos, de saber que nada é tão sério, que mesmo os deuses morrerão um dia, que as estrelas também se equivocam e mesmo o curso dos astros pode acabar numa ciranda.

XXI

O símbolo não depende de determinações históricas, novos símbolos ou novas configurações simbólicas podem surgir a qualquer momento, bastando para isso que o indivíduo alcance as fontes borbulhantes de sua interioridade, que são as fontes mesmas da criatividade.

Em nós a matéria do mundo é continuamente reorganizada, dando lugar a novos símbolos, novos valores, novas perspectivas. O mundo existe em nós – como realidade especular e como acréscimo – algo que introjetamos e que passa a fazer parte de nós. O pensar e o pensado se confundem, assim como a coisa e o espírito. Somos uma unidade em constante mutação e movimento, mas é nossa capacidade fabular que faz com que em nós a realidade não se esgote no imediato. O imediato é a morte da alma.

Assim cada coisa adquire um novo valor pela ressignificação simbólica que lhes conferimos; Eliade diria que as coisas ganham sua significação original quando lhes atribuímos o valor simbólico, quando lhes envolvemos com o sagrado, pois ele acha que na sua origem a maioria dos objetos possuía uma significação sacra; não nos cabe aqui discutir essa perspectiva histórica (ou a-histórica), porque senão teríamos de fazer uma história dos objetos, e esse não é um livro de história, mas de alquimia.

Imergimos no mundo como quem acorda num poema.

XXII

É sob o céu noturno que vejo a torre d'água e em sua cimeira sei que está a pedra a nos esperar. Mas é preciso que a água ocupe todos os vãos para que a pedra possa crescer e brilhar.

A água é a mais limpa – rio que se guarda sob as estrelas e cuja ascensão detonará a luz. Ela se refugia no triângulo e uma película de prata a protege das impurezas. Mas ela precisa que sua prata se converta em ouro.

Ladrões não podem assaltar essa água: ela está guardada sob ossos e leões alados vigiam-na. Que essa água seja luz.

XXIII

Carvão e Diamante

Intermezzo Cromático

Ao nosso lado, o anjo da melancolia de Dürer; a melancolia, esse arco-íris cinza, sela nossa união com o divino, enquanto não nos convertemos em deuses.

A espada da melancolia traça círculos irrefutáveis em torno de nós, de maneira tal que até abrir os braços transforma-se numa operação lenta, circunstancial, perigosa.

Somos carvões por trás desse véu negro que magnetiza nossos gestos com chumbo. As virtudes da recusa não diminuem nossa solidão, mas são necessárias, como o bisturi é necessário para extirpar a gangrena.

De lado, parecemos esses animais assustados que se escondem na folhagem e esperam passar o rebanho para seguirem o caminho. De frente, nossos olhos brilham como diamantes, com a água pesada dos sonhos e das esperanças num mundo cada vez menor, sem asas nem janelas, com gelo de código de barras e sabores de nada em muitas embalagens.

A nós, a quem o amor deu asa e âncora, cada coisa tem peso e medida, nada nos passa despercebido, até o menor gesto ressoa na galáxia, nada é em vão, das lágrimas às sementes de trigo abandonadas na eira.

Hoje, que as máquinas são felizes e educadas, a dor é pedagógica, e a tristeza, filosófica. Se por um lado é preciso organizar o pessimismo, como diria Benjamin, por outro é preciso se aprofundar na dor até extrair dela sua significação espiritual.

Essa civilização é um barco fantasma cheia de brinquedos inúteis.

Não se trata de um apego masoquista à dor, mas de usar a dor como um ginásio, mas a dor indica, é um sintoma de que há algo errado – e o que está errado não é nossa alma, mas seu descompasso com o mundo: há entre nós e o mundo todo um universo interior de distância, entre nós e o mundo nos movemos como se houvessem barreiras d'água. Percebemos como vazio o que as pessoas tomam como cheio, e onde espojam na alegria, escutamos silêncios. Há alegria, geralmente não compartilhada – porque difícil de expressar – e essa alegria está dentro, não fora. Vivemos em escalas de cinza, mas ouvimos tons maiores.

O sentimento de exílio é permanente, porque é temporal, ou cósmico. Parece que o que somos de fato vive em outro mundo e de outra maneira estamos presos a esse. Aqui somos carvão, lá, diamante.

Gostaria de ver a cara dos reis e seus nomes cinzas, quando souberem que sobre nós a morte não triunfou, que o fardo do tempo nós deixamos no caminho – porque não era

nosso – e que não desistimos nem na presença da morte.

Arcontes presos à lei de onde emanam, não sabem onde o mar termina em cósmica bruma, porque as águas fervem de amor e a bruma anuncia o advento de novas terras, o sal encrosta nas pedras, as flores dos mangues exsudam-no e no emaranhado da manhã que surge, a nova terra é um infante cujos sonhos embalam a neve dos poetas.

A neve que nosso sangue liquefaz em cristais de sentimentos e memória das coisas, que circula com a promessa dos dias bons, em que o sol e a lua dividem um amor recíproco e os homens dizem: nunca é tarde, nunca é tarde.

Eco que reverbera as promessas de outrora, cada sol é novo para nós, cada dia é antigo e o amor chave e dança que bailando abrimos as portas dos sentidos.

Gostaria de ver as faces dos reis quando souberem que seus nomes não estão do outro lado.

Se trata de examinar o que está atrás da dor. Nossos eus criam armadilhas e não será a mente quem resolverá os enigmas; é preciso apelar ao ser, à divina mãe e divina maga, pois só ela é capaz de ir além da mente e do ego e nos mostrar qual o fundamento da dor. Não falo da dor egoísta, resultado do ego ferido – essa só serve para localizar o ego, identificar qual eu precisa ser eliminado – mas sim daquele sentimento vasto que nos leva a uma profunda interiorização, ao sentimento de exílio, difícil de ser superado, porque o exílio existe, enquanto não encarnarmos nossos corpos de luz para assim podermos habitar o pleroma, enquanto não deixarmos de ser carvão e voltarmos a ser diamantes.

A tarefa da alquimia consiste justamente no *modus operandi*, no artifício que permite essa transmutação, essa transformação, e de superar a putrefação do ego e da materialidade em direção à luz da qual somos herdeiros, pois somos da geração de Set, não tememos nem os gigantes nem a solidão ou a morte, conquanto que permaneçamos fieis à palavra secreta que nos foi confiada e que sigamos nosso caminho em direção ao porvir de luz.

Num quadro de Vasari em que ele representa a idade de ouro, Saturno segura em uma mão o ouroboros e sentado à sua frente está o capricórnio – metade-peixe, metade-cabra e camponeses vêm oferecer a Saturno as primícias da terra – os frutos colhidos. Saturno tem em suas mãos o tempo (ouroboros) e a presença do capricórnio (que também era um signo aquático) parece-nos indicar que a idade de ouro está num futuro que virá, na era de capricórnio, quando Saturno voltar a reinar. Parece-nos que toda nossa angústia é

pelo irremediável, pelo que perdemos nas arenas da história, pelo que perdemos no nosso longo e equivocado caminho de emancipação da natureza. A depressão é a fratura exposta da nossa psique e só um banho no Letes nos devolveria a paz e com ela a alegria profunda que nasce da comunhão com as coisas, a alegria profunda que nasce do esquecimento.

E o que é a idade de ouro senão um retorno à infância? Mas a melhor infância começa aos quarenta.

Metade peixe, o tempo nada
Em direção à cauda do passado
Voraz espreita a fera
Feroz oxida
As palavras de aço, os laços de fita
Fita nos olhos do futuro
As garras da esperança
Pluma de fogo no vértice do mundo
Silente o tempo volta
E a esperança paira
Pipa que toca o céu num dia de sol

A razão é uma morte lenta, o espaço a tudo abarca, tudo encerra, tudo encaixa numa ordem de sentidos. Só a razão desacredita do sentido das coisas naturais na sua ordem natural. A razão é uma doença do ser.

Às vezes sou tal um barômetro, sensível às menores variações de ar, de humor, de sentido – esponja de estados e sentimentos alheios. Difícil é para mim separar o que é nosso e o que não é – é preciso fortalecer a membrana espiritual, de modo que nossa mônada fique livre daquilo que vem de fora – o desespero alheio, os sentimentos e quereres alheios, o pensar alheio – pois ela já possui seus próprios problemas internos – o ego – e já possui sua própria matéria de ideias e valores, para absorver ainda mais de fora, ela já possui demais ansiedade e depressão para absorver mais ansiedade e depressão alheia, é preciso primeiro que consigamos conquistar o 'sentido' para nós, e só depois que o tivermos conquistado é que poderemos reparti-lo, não adianta socializar o desespero e o vazio – só a plenitude deve ser repartida, ou melhor, a expressão externa da plenitude, porque a plenitude em si só pode ser percebida individualmente, ainda que nas suas expressões possa ser compartilhada.

A coluna de mercúrio oscila.

XXIV

A memória do ser é sexual, no sentido mais amplo e complexo que palavra sexual possa ser usada. Não se trata da memória dos prazeres, do gozo, mas é o conjunto das funções sexuais, é a atividade sexual como um todo quem determina o rumo dos acontecimentos corporais, é a falta ou excesso dos hormônios sexuais quem organiza ou desorganiza a matéria corporal. Eles são tanto chave quanto sinal – chave para novos estados corporais e um sinal de *avance!* Ou *colapse!* Claro que isso varia de uma pessoa para outra, e essa variação dos estados sexuais é a demonstração de que a seleção natural é um equívoco – o que sobrevive não é o mais apto ou o mais forte, mas o mais medíocre: é na esfera sexual que o conflito que nós mesmos criamos entre natureza e cultura chega ao seu ápice – e a condução da nossa vida sexual determina o rumo da nossa vida espiritual: há aqueles nos quais as emoções sexuais se espiritualizam e a saída para conciliar o desejo (fogo) e o anseio espiritual é a prática do maithuna – intercâmbio sexual entre homem e mulher sem o derrame do sêmen e sem o orgasmo feminino – pois assim a função sexual chega a um novo limiar, onde o desejo não conduz à mecanicidade da reprodução e onde não precisamos mentir para nossos corpos ingerindo hormônios ou vestindo artefatos que conterão o sêmen. Não ejacular não é tão absurdo, mas não pode ser um ato mecânico – a espiritualização da sexualidade exige a renúncia à mecanicidade.

Mas há aqueles – a maioria esmagadora – em que a mecanicidade sexual é a norma – a reprodução ou a mentira – e no plano biológico esses são muito mais aptos a garantirem sua continuidade temporal e expansão espacial, o que lembra o pensamento de Nietzsche de que são os medíocres que vencem e não os mais nobres: as condições morais e psicológicas de quem, por exemplo, procura espiritualizar sua sexualidade são muito mais complexas e adversas do que aquelas de quem se deixa levar pelo ramerrão sexual – e a adversidade pode levar à morte.

O fato é de que os hormônios sexuais levam à vida – exterior ou interior – e sua perda – principalmente naqueles organismos mais sensíveis – leva à desagregação corporal, ao caos.

O sêmen é de fato a matéria prima da grande obra, a matéria básica para o ouro espiritual; aliás, é preciso mudar essa linguagem – o ouro era usado como símbolo numa época em que não havia o fetiche da mercadoria – e é preciso afastar qualquer fetiche da esfera espiritual: o sêmen é a matéria básica para recuperarmos nossa natureza perdida, a natureza angélica que possuíamos antes que o demônio, quer dizer, o daemon da razão tentasse nos emancipar da natureza. Agora é através da própria razão que nós procuramos o retorno espiritual – não a pieguice ou as máscaras new age, mas a busca real por conferir

à nossa vida o valor que a sociedade de mercado tem negado, com a seriedade e a leveza que as religiões desconhecem. É pela própria razão que deixamos em segundo plano a razão.

XXV

A alquimia busca reintegrar os elementos que o processo social fragmentou – já falei no *Ovo* e na *Descida de Ishtar ao Inferno* como o inconsciente tornou-se um "exterior" para o sujeito corpo/mente normatizado, controlado, determinado pelo complexo das relações sociais e pelos mecanismos internos (moral, ideologias, religiões) e externos (tribunais, polícias, escolas, prisões, sanatórios, etc). A progressiva emancipação e ruptura com a natureza significou também um progressivo afastamento da própria natureza humana, uma segregação das forças instintivas e inconscientes para um além mítico e para fora da estrutura consciente: o processo civilizatório se apóia numa dinâmica esquizofrênica de depender da natureza e ao mesmo tempo renegá-la permanentemente, ou quando tentam reintegrá-la no discurso, atribuem à natureza nossos valores e expectativas; não há bem ou mal na natureza – a natureza é o todo e o todo é o necessário, que se equilibra permanentemente entre a vida e a morte. O idílico na natureza é a inocência com que se mesclam dor e alegria, é o vir a ser em movimento, a grande máquina do mundo devorando e criando novamente, num ciclo infinito.

O humano pode perceber essa dinâmica e por percebê-la pode mudá-la, pelo menos na parte que nos cabe. Não há magia conforme o vulgo a entende – mas ao mesmo tempo tudo é mágico – possuímos forças que desconhecemos, capacidades outras, entenda-se, não há 'além' porque o 'além' está entranhado na malha do mundo. A existência de 'fenômenos' dá-se no mundo natural, que é amplo e do qual não conhecemos quase nada – só agora começamos a vislumbrar o que está detrás do 'aparente material' – um mundo de outras partículas que em breve se revelará infinito.

E a esse infinito (micro) se somará outro (macro) encerrando a máxima de Hermes Trismegistos que diz "Tal como é em cima é em baixo" e o homem se perceberá em meio aos infinitos, nem pequeno nem grande, mas ele mesmo um infinito: humano, social e ao mesmo tempo interior – finito em sua corporeidade mas infinito em suas manifestações; pequeno no tempo, mas simultaneamente dono de um tempo concentrado (ou dilatado) onde as mudanças sucedem-se numa velocidade espantosa, enquanto a natureza segue seu próprio ritmo.

A alquimia opera por analogias, e as analogias permitem aproximar realidades distantes e diferentes. A práxis social do capitalismo tornas as pessoas átomos isolados,

manietados pela mão dura do capital, sujeitados por rígida disciplina, normatizados de tal maneira que ao final nem sabem mais quem são ou o que são, e a via analógica alquímica permite que as pessoas se reconectem com o natural ao revelar-lhes a própria natureza dentro delas.

É preciso que a natureza venha à tona: quem quiser ficar, fica; quem quiser sair, sai; os da água cuidarão das cubas; os do fogo alastrarão as chamas; os da terra libertarão o trigo e os do ar calcinarão a mente com o siroco das paixões. Depois a areia assenta, a água cresce, o amor surge e o fogo abençoa o novo começar: que é preciso seguir, caminhar sem medo, até que a noite de olhos negros nos dê a mão e nos convide para outros infinitos.

XXVI

O outro lugar de si mesmo é aqui: tal o centro nas voltas da escalinata, o humano é a medida, mesmo para chegar ao além humano. Dentro de nós há espaços imensos e nesses espaços vicejam escritas secretas, plantas mágicas, astros desconhecidos, nudez e solidão. É o lugar do abandono, mas também do encontro; nunca se é tão só como dentro de si mesmo. Mas esse espelho atravessado na garganta é também o ponto onde algum sol pode brilhar. Dentro de si mesmo estão a queda e a salvação. É possível ter um lampejo das paisagens, como se navegássemos num caleidoscópio. Uma imagem, uma esperança, um sonho, podem unificar essa diversidade interior. A pedra pode ser um mote para esperanças, um caminho para o desejo, uma tela onde as paisagens convergem. Agora que nos aproximamos do final, contemplaremos as paisagens e diremos os nomes, porque onde se diz pedra se diz também: esperança.

IV

A vida humana converge sempre para a chama insaciável da descoberta: o conhecimento passa a ser um fim e não um meio – o que nos move é o inominável desejo do grandioso, do desconhecido, do numinoso; não definimos ao certo o que queremos, o que é claro para nós é o que não queremos: o ramerrão, a destrutiva rotina, o eterno vir a ser do mesmo.

Somos cheios de esperança: os cristãos – cheios de medo e de raiva à vida – representavam a esperança como uma âncora, quando sua representação ideal é a da vela, aberta a todos os ventos – e o timão, conduzindo-nos entre lugares remotos, destroços, escombros, terras novas. A âncora não é a esperança, mas seu refrigério. A âncora é o sinal de passe para voltar. Mas nós não queremos voltar.

Fosse perto a terra prometida,
Amarga seria a esperança.

Ante o umbral o medo
Deve ser abandonado
A esperança é anjo
Que não olha para trás
Tudo é novo, imenso
Quando o ego se calou
Dentro, tempo-espaço são um círculo
Fogo na cruz tau
A vinha cresce sobre a pedra
Em sua sombra o templo
Dos deuses de ninguém
Não há figueiras estéreis, frutos amargos
A pedra canta e a terra
Abre seus braços, pernas
Gestos de amor
Não há obscenidade
Na fruta que se abre
Mineral a poesia verte água
Sobre as vidas ressecadas
A morte é o grande não
Sobre o trono do mundo
Vida é estilhaço jacobino
Na cabeça do rei
Uma pedra derruba coroas
Infantes inundam a praça de flores
Não temos nome

Esperança é nosso epíteto
Nosso leme que rasga as águas
Vento e vela
Chama e espada
Não olhamos para trás
Quando subimos
Pelas costas do diabo
Sol e sombra não mais se digladiam
Que venha então
Os dias de luz

Solitárias são as mãos
Que seguram a abóbada do mundo

Quando Hércules libertar Atlas
O mundo pode cair
Hércules é a pedra arredondada
Onde se ergue a nova casa
Em que o ser vem morar
Atlas é a força
Dos tempos antigos
Hércules, correia de transmissão
Entre o velho e o novo
Matéria simbólica que anula o nada
Que se aninha tal espada
No leito das palavras
O engraçado é que Atlas
Possui pés azuis
Mãos de criança
É sabido que são crianças
Que sustentam o mundo
O motor que o empurra

Para além do abismo
A clava de Hércules é de pedra
Só assim ele pode
Matar o mal ladrão
Porque guardou a água que sufoca
O anti-lótus

A pior fome
É a do amor pelo nada

A esta hora os trabalhadores voltam para suas casas, amontoados em metrôs, como animais que seguem para um abate interminável, fatigante, destroços de um navio que há muito tempo naufragou, pedras de um moinho que não leva a lugar nenhum chamado capitalismo. Desde cedo lhes dizem para procurarem um lugar ao sol e esse lugar é uma caixa onde só entram aqueles cujos nomes foram apagados, cujas cores foram desbotadas, aqueles que não veem o sol, e todos vestem as mesmas roupas e usam os mesmos cortes de cabelo, escutam as mesmas canções, fazem arremedos de revolta, mas quando chega à noite trancam-se em suas caixas e esquecem de esquecer que são máquinas – esse lugar ao sol é longe do sol, mas há sempre alguém a buscá-lo e passam a vida de moinho a moinho, vertendo sangue para as gargantas dos senhores cegos, cujos dedos de lepra controlam a maquinaria e suas peças e suas sombras e suas ondas de terra.

Mal sabem os trabalhadores que o sol está em suas mãos. Não é preciso muito para libertá-los, somente abrir-lhes os olhos.

E o sol é uma pedra incandescente de gás, de cujo vapor brotam pérolas que curam de todo o mal – essas pérolas são o *summum bonum* da arte alquímica, cujo arcano consiste em: não perder a luz.

Avante trabalhadores! A mais dura obra é se libertar do medo: apegamo-nos ao que nos oprime como se só os senhores fossem capazes de dar um sentido para o que fazemos; amamos as cadeias, correntes, porque tememos a liberdade. Preferimos o confinamento porque temos medo de nossa força, mas é preciso não temermos a nós mesmos – uma hora sairemos da escuridão, mariposas bêbadas de tanta prisão – e será possível olharmo-nos no espelho – esses seres de asas tenras, voo incerto, sede e um amor do tamanho dos sonhos que outrora sufocamos. Não nos apegaremos mais ao nonsense de uma vida mecânica, não nos interessa mais o vapor das ilusões e das mentiras, não somos ratos numa jaula nem feras famintas sedentas de sexo – não queremos entorpecer, queremos acordar, não queremos devorar o outro, queremos aspirá-lo, ser ele, assim como duas

fragrâncias sob os ventos de verão – voaremos cada vez mais longe a abençoar todas as coisas – abençoado seja o besouro do esterco, abençoados os fetos que crescem como música, abençoadas sejam as estrelas de meia-idade, as árvores velhas, a pequena Nuvem de Magalhães, os frutos, os vulcões em ebulição, as tempestades em Júpiter, o homem e a mulher, a poeira estelas, as algas luminescentes, o lingam e a yoni, abençoadas sejam as perturbações espaço-temporais, o veludo das vozes femininas, a chuva sobre a terra seca, as velas estendidas dos mortos, a celeridade das abelhas, abençoada seja a solidão dos homens de mármore e o sorriso das mulheres de platina, abençoadas sejam as ancas que enchem o mundo de graça, abençoadas sejam as bactérias, abençoadas sejam as entranhas da terra, os vales da Lua, os vales de Marte, a presença da vida no vale da morte, os pardais, as flores noturnas, a delicada flor das mulheres, a Grande Nuvem de Magalhães, as greves e as barricadas, as monarquias derrubadas, as ilhas e os continentes, o mar azul e o mar verde, os rios do tempo, as esquinas da memória, os sustenidos e bemóis de escalas desconhecidas, a usina dos testículos, as florestas, a matéria cheia de espaços vazios, abençoada seja a vida inteira, com ruas claras e escuras, com sereias e ciclopes, com brisas e tempestades de areia, abençoada seja a seda da palavra que envolve a sinuosidade do útero e a felicidade de estar em algum lugar cálido recitando poesia.

Para não sermos esmagados
É preciso flutuar

Teu sexo é flor andaluza
No infinito dos meus dedos
Sob a pele o elixir secreto
Viaja, mar entre rochedos
Carregando sargaços, breviários, inscrições
Em língua marinha
Nós, que prometemos reunir as células em congresso
Fundar uma nova carne
Não podemos sucumbir
Haja granizo ou maremoto
Somos os que temos
Pele de pedra

Pedra de sal, pedra de flor
Pedra de canções, pedra de fogo
Pedra do muito resistir
Pedra do muito insistir
Em navegar
Na calmaria sopramos as velas
Chamamos sereias para com suas asas
Moverem o desejo
Pedra de um ano
Pedra de 500 anos
Pedra de um milhão
De espaços
Para não sucumbir é preciso
Abrir os braços
Dar as mãos às asas dos cometas
Uma vez a morte
Tentou me levar
Segurou meus ombros com tenazes
Resisti
Rocha que detém a avalanche
Sei que outro dia ela virá
Com mãos de fada
Me deixarei levar
Tenha ou não o elixir nas mãos
Que adianta vencer o tempo
Quando a solidão segura o espelho

Somos pedra que a água dissolve
Devolve à terra
Somos flores siderais
Num segundo de eternidade

Se vais ao inferno
Não contes com o diabo

Entenda-se: não sou mestre da *nova era* nem um superiluminado; iluminações - as tive e as tenho – como aquelas possíveis aos poetas e aos que procuram despertar. Mas terei de me confrontar muitas vezes com as flores do inferno, esse inferno que nós mesmos criamos, e não há como chegar à luz da *albedo* sem atravessar o inferno da *nigredo.*

Nossa subjetividade elevado ao cubo, nossa dor elevada ao quadrado, nossa solidão numa tábua de logaritmos: assim é o inferno e esse é o inferno possível e suficiente; o resto é o mundo sombrio e o micromundo dos muitos bilhões de organismos – esse outro reino ínfero e lugar da morte.

Se abríssemos as portas do inferno o mundo dos vivos sucumbiria a tanta dor. O caminho alquímico é uma linha entre cores – cores de baixo e cores de cima, mas o mundo sombrio é uma prisão da qual precisamos nos libertar. Ó Babel dos desejos conspurcados, ó cidadela de rios inúteis, muralhas da insensatez – é preciso neutralizar a dor que se irradia de teus muros – a mente vaga, animálculo, entre tuas grades, turbilhonando os muitos pensamentos em conversas sem sentido: pedem o amor, querem-no como o verme entorpecido deseja uma maçã podre, pedem liberdade, mas somente aquela ilusória da masturbação, do ato ensimesmado e solitário que nada vê senão a si mesmo.

Todo o psíquico é real, concreto. O sentimento do inferno é real - para os masoquistas, algo a ser preservado. Para os que querem se libertar, um tormento a ser superado. Um pesadelo do qual se precisa acordar.

A realidade psíquica ganha sua expressão no símbolo: o inferno é um símbolo, e enquanto tal, concreto.

O melhor método é aquele que se pode abandonar

Não há um método alquímico: a alquimia é um vir a ser. Há objetivos, mas não um método administrado, racional. A alquimia é o instinto chegando à consciência de si mesmo. Nosso destino traçado, instalado em nós, é uma via alquímica da qual os acidentes da história vieram a nos afastar. Cada espécie tem um destino e esse destino não é um imperativo biológico previamente inscrito - são indicações, sinais por onde a memória deve andar e rearticular o presente. No humano, apesar do consenso em torno da estupidez, nossa via autêntica é aquela que nos direciona a níveis de complexidades crescentes, mas também a uma reintegração na e da matéria, até nos constituirmos em cosmos reintegrados.

O sêmen é uma síntese de múltiplas determinações biológicas: enquanto os gametas carregam a chave da própria vida, o sêmen carrega sínteses proteicas que são por sua vez o summum de outras formas de vida. A sublimação e sutilização da energia sexual

desagrega a matéria seminal e a reorganiza de outras maneiras, extraindo dela o germe para fabricar corpos espirituais e alcançar a pedra filosofal, que é o sêmen cristalizado como ovo crístico.

Só a via natural, intuitiva, instintiva, não raciocinante, nos permite seguir uma direção segura, pois a intelecção é insuficiente e incapaz de nos conduzir em meio a circunstâncias e processos que não dependem do pensamento – lento e dúbio – frente a situações que exigem celeridade e decisão.

Essa via pode ser apreendida (racionalmente) e assimilada, e quando tiver sido apreendida e assimilada, pode ser abandonada, e aí até poderemos ostentar uma racionalidade que se arvora na razão, mas cujos pés se molham nas águas do instinto.

Pense bem: um ovo não é tão apertado,
Nele c abe até um cosmo.

Esperança não é ilusão:
É a terra que nos alimenta em direção ao futuro.

A vida é dura, corte de navalha que nunca cicatriza, estamos sempre cercados por paredes invisíveis, pesos silenciosos, mãos que nos arrastam aos abismos.

Uma ave está sempre em nossos ombros, a esperança. Ela, cuja folhagem brilha em penas de fênix, guia nossos ombros, ampara nossos pés, nos alimenta com o sal que é a seiva e o sentido mesmo da vida.

Os olhos da esperança são os mesmos dos animais selvagens e das crianças, tão inocentes quanto o arrulho de uma pomba ou o brilho da faca na garganta da vítima; esses olhos são tudo. Seu olhar é a matriz de nossos passos, da nossa resistência, dos nomes que temos, dos seres que esperamos e daqueles que amamos.

A vida é dura, metal altissonante que esmaga nossos gestos, nossa vontade. Mas a esperança sonha conosco e seu outro nome é liberdade: precisamos quebrar as cadeias que prendem nossos pés, soltar nosso espírito de mercúrio

Liberdade, liberdade
Nos talos molhados da grama
Na impaciência dos pássaros
Na poeira que o vento leva
Teu nome é esperança
Os sorrisos se confundem
Com a água do mar
Que alimenta

A garganta dos meus gestos
Liberdade, liberdade
Território sem compasso
Pedra que se ergue para a casa navegar
Tuas mãos seguram o sol
Liberdade, liberdade
Um nome a repetir
Liberdade

Um terço da vida é erro, outro, acerto.
O resto é poesia.

Dentro fora marcham exércitos em guerra. O caos caminha sempre em busca da própria imagem e a ordem tem contra si todo o resto – a lei do mundo é a morte, o amor a exceção – viver é muito difícil.

Em nós a morte não quer laços ou abraços, penetrações ou compasso – somente o que se desfaz – da bruma o vento que a afasta, da água o sol que a evapora, do dia a hora que o encerra – e é tão mais fácil entregar-se à morte. A morte é o que vige. O que vive é exceção.

Viver tem um milhão de nomes que muda todos os dias, cada pé que pisa na água vira ventania, do outro lado do rio somos todos o que nunca fomos, a cada dia abandonamos um pouco de nós mesmos, crescemos em outras direções, árvore cujos galhos abraçam o mundo.

É preciso reunir os elementos e lhes dar a tarefa de supervivente: não sobreviver, precisamos ir além da mecânica de manter um corpo produtivo para uma vida destituída de sentidos – isso também é morte – é preciso ir além e garantir um horizonte de vivências raras – é preciso apostar na coragem e na exceção- tirar o mundo dos trilhos para que ele alcance outras paisagens.

Ganhar a guerra contra si mesmo – deixar fora a moral, a mentira, a hipocrisia. Quando éramos andróginos tínhamos asas. Agora somos incompletos. Minha outra asa está em ti, ó mulher, ela sai dos teus ombros para os meus – e tua asa está em mim, imãs como diamantes que se buscam e fazem promessas de amor e dão-se os braços e estreitam os corpos num abraço – só assim é possível vencer a morte, só assim é possível

apostar no amor, só assim a guerra cessará no cosmos.

Nem uma infância é em vão.

Nem uma infância é em vão, mesmo a espiritual. Na verdade não há maturidade espiritual sem um tanto de infância, sem a coragem irrefletida das crianças, sem o anseio forte que as crianças possuem pelo belo, pela verdade, por conhecer, sem a vontade de transgredir. Um adulto espiritual ficaria paralisado se não tivesse o arrojo próprio das crianças para ir além.

O Todo é o Todo: não tente separá-lo.

O corpo é uma totalidade – sei que isso pode parecer redundante, mas é preciso reafirma a totalidade corporal em nesses tempos que a medicina o enxerga como uma coleção de fragmentos.

O corpo é uma totalidade dinâmica e temporal – não uma totalidade fechada conforme o modelo do século XIX, mas uma totalidade dinâmica, aberta à mudança, ao jogo, e como toda totalidade é uma soma, que a energia da vida humana soma e a integra a um continuum – só assim os trilhões de seres que nos habitam encontram seu lugar no todo corporal, e como no planeta, todos os seres estão interconectados e em permanente interação.

Nessa rede corporal, não só os órgãos interagem entre si por conta de estarem submetidos aos mesmos processos, mas por responderem à mesma finalidade, e essa finalidade não é meramente a manutenção da vida, mas sua superação em direção a uma supervida. A energia sexual não diz respeito somente à reprodução, o intercâmbio sexual visa propriamente a elevação da vida pela conexão entre homem e mulher e subsequente ativação das diferentes energias que se completam, se complementam. A sexualidade abre o todo corporal para o outro. Reich acertou quando percebeu o valor da sexualidade nos processos psicológicos, na somatização psíquica, mas errou ao enxergar a sexualidade em um corpo e não em dois: o processo acontece simultaneamente entre homem e mulher – a energia sexual circula mesmo que os fluídos sexuais não sejam expulsos, aliás, ela circula mais se os fluidos corporais são preservados, assim como uma pilha só funciona se seus princípios químicos estão ativados e preservados, se ela os perde, não conduz energia. O problema não é a retenção do sêmen, mas sim uma sexualidade autocentrada no eu e não no nós. Hoje em dia as pessoas desfrutam de uma sexualidade bem mais à vontade, mas

nem por isso a humanidade melhorou. Isso parece um raciocínio simplista, mas é somente uma maneira de colocar que a 'desrepressão' não necessariamente leva a uma melhora. A angústia inerente à ejaculação não é algo moral, mas o instinto corporal apontando sua desagregação. O fato é que cada vez mais o ato sexual assemelha-se à masturbação, não se enxerga o outro, só ao desejo do mesmo. A retenção do sêmen não significa auto-repressão, aliás, a sexualidade apressada de hoje traz em si um componente neurótico de pressa e de dominação do outro.

A prática do maithuna significa uma abertura para o outro, e as energias que circulam entre os corpos restituem e elevam a integridade corporal, pois a energia sexual de ambos é sublimada, ou seja, transforma-se em algo mais – as asas que surgem nos corpos dos alquimistas.

O sêmen é uma quintessência do todo corporal, sua síntese bioquímica. Ele não é um subproduto do processo reprodutivo, ele é na realidade a chave da cosmicidade orgânica e sua perda leva à anarquia corporal que deságua na morte. Morrer não é necessariamente uma necessidade biológica, mas uma tendência que o humano pode adiar e, quiçá, superar utilizando-se não das forças de fora, mas dos próprios elementos corporais. A memória orgânica que o DNA é revela a dinâmica da existência e incorpora à sua codificação as tendências filogenéticas e ontogenéticas desenvolvidas ao longo do tempo – as predisposições ou tendências filogenéticas representam, como somatório de linhagens diferentes (do pai e da mãe), o karma de gerações, aqui entendidas como predisposições étnicas e vícios orgânicos e/ou psíquicos que se transmitem como tendências, mas que dependerão da ação do indivíduo e das interações com o meio (social) para se desenvolverem, sejam em seus aspectos positivos (predisposições) ou negativos (vícios ou fraquezas organopsíquicas). O código genético não é uma determinação a priori, mas um roteiro que pode ser alterado por conta das correlações do indivíduo com seu próprio organismo e com o meio. Quando no humano o instinto tomar consciência de si mesmo, o instinto e a consciência se completarão, assim serão abolidas as fronteiras superficiais entre corpo-psique: o que existe é o corpsique, uma unidade múltipla indissociável, complexa e dinâmica como as variações da água, e o corpsique é outra unidade que se soma ao todo que o planeta é.

O todo é o todo: não tente separá-lo. Como confiar numa medicina incapaz de enxergar a totalidade, e que no dia a dia zomba do corpo, o despreza? Como acreditar em sistemas de saúde cujas bandeiras são cifrões dobrados e que só lembram do corpo como matéria para o lucro? A dignidade do homem, como diria Pico De La Mirandola, torna toda matéria corporal digna de si, porque o corpsique é uma unidade cósmica que conecta o

homem ao todo, mas também é uma *poetiké sidéreos*, enquanto a medicina reduz o homem ao absurdo corporal – que o digam os especialistas, cegos de um olho só com a arrogância de um ciclope. Esse fato é agravado pela fragmentação do conhecimento científico como contaminação ideológica que a medicina sofreu: cada vez mais ela perde seus antigos ideais humanistas e é marcada pela lógica do lucro e pela esquizofrenia própria da sociedade capitalista; um laudo médico hoje em dia tanto pode ser uma mão estendida quanto uma sentença, mas no geral falta aos médicos a compaixão, que é uma virtude essencial ao etos médico. A origem social da medicina, aliás, dos médicos, também os denuncia: no geral, os médicos de hoje, no Brasil, são oriundos de uma classe média que perdeu seus ideais humanistas e que vê na prática da medicina uma forma de garantir status e poder, e raramente lembram que é um meio de salvar vidas. Será preciso uma revolução epistemológica e social para tirar da medicina seu estigma corporativo e sua corrupção moral: não mais tabelas de procedimentos que mais parecem tabuletas de açougue (assim como as tabelas de seguros de acidentes), mas uma organização social da medicina que valorize sua prática coletiva como maneira de recuperar sua visão de totalidade: se o conhecimento avançou a tal ponto que é impossível ao indivíduo ter um conhecimento total, a reorganização do conhecimento e de sua prática coletiva o pode. Por outro lado, a reorganização social da medicina com base numa práxis coletiva, pela sua própria natureza mudaria os parâmetros corporativos e mercadológicos; as tabelas de procedimento atuais baseiam-se na separação das especialidades, na fragmentação do corpo e na divisão do trabalho (como forma de geração de mais valia), e uma práxis coletiva e uma nova visão do corpsique implicaria não só a não fragmentação do corpo, mas a união entre nous e physis, bem como a união entre o corpsique e a terra: a dimensão coletiva – social e filogenética –de certas doenças só são possíveis de serem percebidas quando as interações entre o corpsique e o todo da terra forem enxergadas. A medicina precisa ser incorporada à ecologia, sair de seu reduto narcisista e abrir às portas para o que importa: a compreensão da totalidade – só assim ela estará apta a salvar vidas, e mais que isso, inseri-las conscientemente nos grandes ciclos cósmicos que até agora ignoramos.

Em todo o universo só há uma chama.

O fogo é o fogo, ele não se multiplica, ele se divide, ele se liberta. Da grande chama universal emergem os pequenos fogos. Quando o fogo se liberta as galáxias são tomadas de luz. O fogo é a matéria primitiva e também a matéria futura, o início e o fim, a felicidade da infância e a felicidade tardia. A chama de uma vela é o mesmo fogo sol e o fogo do sol é o mesmo dos testículos. O fogo cobre o mar, são oceanos de chamas a cobrirem a

extensão, a largura, a profundidade e o tempo.

A pedra guarda o fogo, com mãos zelosas e a falsa indiferença das mães. A pedra é a mãe do fogo e o carrega com ternura e seus seios minerais destilam na bruma as centelhas que iluminarão os vãos sem nome do espaço.

A pedra emerge sempre em silêncio – pode esperar milênios, pode esperar milhares de anos até aflorar com o rosto do fogo – pode ser numa montanha, pode ser no homem – onde surge, a pedra fundamenta.

O fogo precisa da pedra. A fricção liberta a chama. E não foi isso o que procuramos, o que sempre buscamos ? Libertar o fogo sem se queimar, contemplar a chama sem cegar, se banhar na matéria em combustão, e não importa a ignorância dos que não ouvirão, não importa os códigos da solidão, o que importa é libertar a pedra, o que importa é erguer o fogo, o que importa é desenhar a rota, mesmo que em efígies, notas, palavras cifradas da liberdade, mesmo que num tratado assimétrico e onírico, mesmo numa escrita tortuosa e solitária, mesmo no diário da pedra, numa aventura incompleta – pois – o que importa, chama

Pós-Scriptum
Por que o Tratado da Pedra

Às vezes sinto-me muito velho, como se carregasse nas costas todo o tempo, ou tivesse visto todas as coisas. Muito cedo vi coisas demais: a morte, a dor, o abandono, a solidão. Hoje pouca coisa me assusta. Mas permaneço – turbilhão que sou – em movimento: hoje pouca coisa me agrada – as pessoas geralmente brigam por poder, vaidade, luxúria. Detesto a santidade dos hipócritas, mas pouco me atrai o mundo dos vivos. O que me move é a beleza: pequenas flores despertam minha atenção, assim como longos poemas e belas mulheres. Às vezes sinto, percebo, quase que com o instinto, a conexão entre todas as coisas e me dá uma alegria imensa olhar para estrelas e ver o infinito. Dentro ou fora.

Há pouco tempo um dia uma promessa âmbar saiu de minha pena e toda uma linhagem de aforismos e pensamentos alquimistas, refletindo visões e esperanças, veio à tona, onda que eleva a palavra.

Sinuosa como um seio feminino, essa linhagem descobriu-se e desdobrou-se, barroca promessa, um testamento. É isso que ele é – um testamento espiritual – com a forma de um tornado e o conteúdo de um vulcão.

Não tenho dinheiro a deixar. Deixo palavras – sinceras –que espero sábias.

Algumas pessoas nascem circulares, outras, tornam-se.